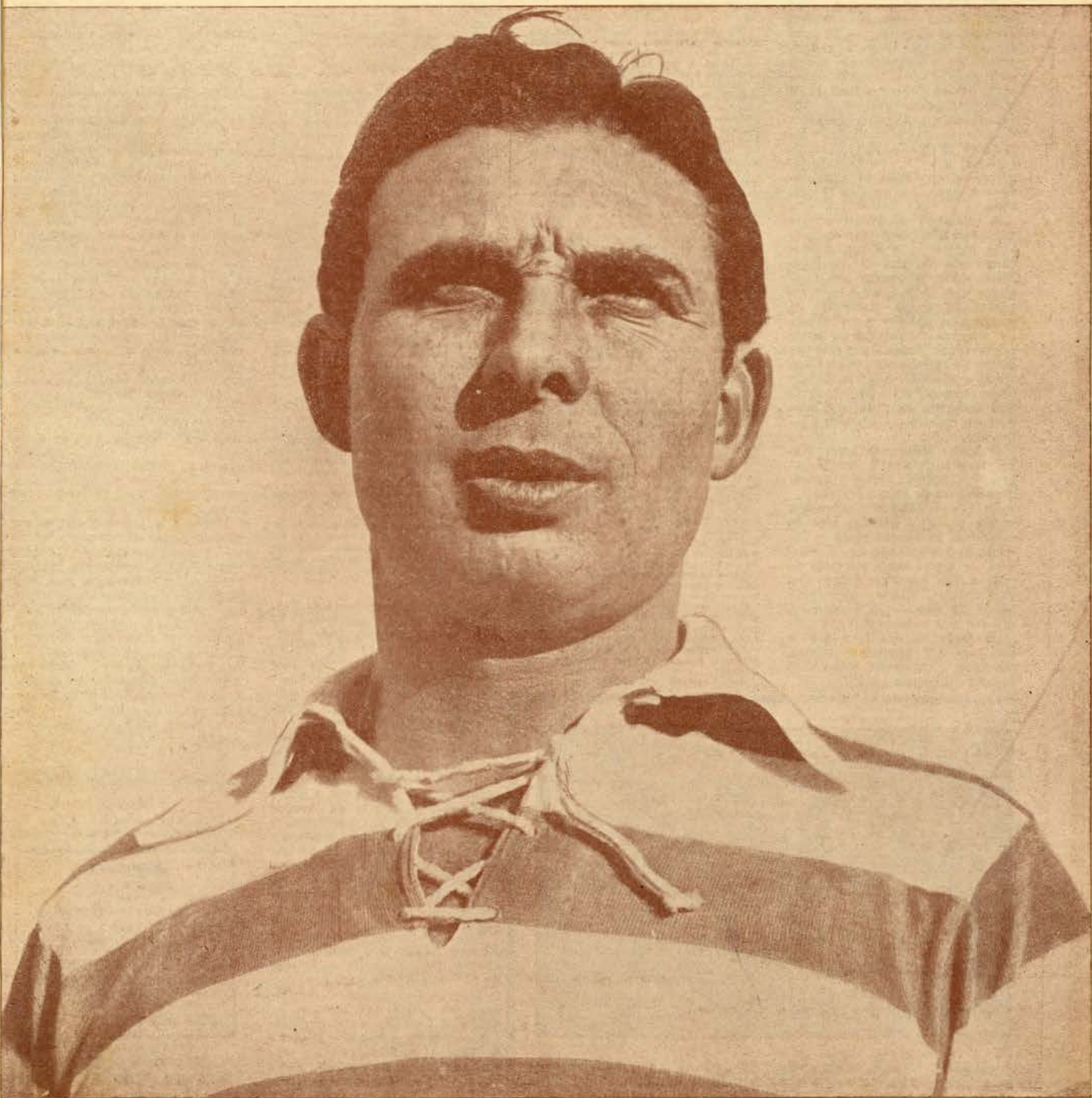


Stadium

N.º 369
28 - Dezembro - 1949
Preço: 2\$50



JOSE PEDRO JUNIOR, capitão do Sporting Clube da Covilhã, que, pelo seu apurmo e pela maneira como se bate, merece o respeito de todos os adeptos do Jogo

Os jogadores da Associação Académica

prestaram sensibilizadora homenagem ao nosso camarada Tavares da Silva

Os jogadores de futebol da Associação Académica prestaram uma significativa homenagem ao nosso companheiro de trabalho, dr. Tavares da Silva, que, há duas épocas, durante algum tempo, orientou tecnicamente o grupo de honra dos estudantes. No exercício dessas funções, Tavares da Silva tornou-se respeitado dos estudantes e ganhou na cidade de Coimbra muitas amizades. Os jogadores ficaram a querer-lhe, do coração, e nesse sentimento foi gerada a manifestação agora levada a cabo, na noite de 18 passado.

A iniciativa do jantar de homenagem oferecido ao nosso prezado camarada e a sua esposa partiu exclusivamente dos jogadores, e realizou-se na sua simpática «república», na Alta, comparecendo vários dirigentes da Académica, antigos e modernos, ou simples simpatisantes, como convidados. Tomaram parte no jantar cerca de setenta pessoas, entre as quais o dr. Alberto Gomes e sua esposa. Foram os jogadores que trataram de tudo, desde as mesas e cadeiras, aos pratos e talheres...

O jantar decorreu num ambiente da mais aberta camaradagem, contando-se factos e episódios alegres da vida coimbrã.

Na altura dos brindes falaram várias pessoas, e todas elas se referiram carinhosamente a Tavares da Silva, dando-lhe a oportunidade as horas mais emotivas de toda a sua carreira desportiva. Fernando Rebelo, presidente actual da Associação Académica, disse que a homenagem era uma ideia exclusiva dos jogadores a que toda a Academia se ligava, tão forte e dedicada tinha sido a acção do homenageado.

Em seguida, Joaquim Micael, vice-presidente da Associação Académica, produziu o discurso que reproduzimos:

«Eu não possuo os dotes oratórios suficientes para dizer tudo o que sinto, tudo o que me vai na alma de verdadeiro académico e por isso se torna difícil e espinhosa a minha missão. Queridos colegas. Eu fui por vós escolhido, mas tenho medo de não cumprir, tenho medo, enfim, de não ser verdadeiramente explícito para enaltecer as qualidades dum homem por todos nós conhecido.»

O árbitro, o jornalista, o seleccionador, o amigo sr. Tavares da Silva. Como árbitro enfileirou ao lado dos mais categorizados e como testemunho das suas reais qualidades — a internacionalização. Seria injusto não mencionar outros nomes tais como: Jorge Vieira, Rosmaninho, mas mencionar os nomes de Jorge Vieira e Rosmaninho seria injusto exclusivamente para elevar ainda mais T. da Silva.

Como jornalista trouxe para a crónica desportiva, o estilo, o fulgor e a personalidade. Até ali, esta era amorfa e sem brilho literário; e dr. T. da Silva foi, pois, o inovador da crónica desportiva em Portugal.

Mercê disto, é hoje o jornalista mais lide, por todos, o mais desejado.

A sua acção tem atingido notável projecção no «Diário de Lisboa» e na revista «Stadium», e como prova de admiração que as suas crónicas suscitam, estão as homenagens que têm sido prestadas pelos seus camaradas de jornalismo.

De todas as homenagens recebidas, aquela talvez que mais o sensibilizou, aquela que é a prova real de grande jornalista, está na homenagem feita pelos seus colegas do «Diário de Lisboa» na qual o director desse vespertino, dr. Joaquim Manso, focou a personalidade literária do dr. T. da Silva, e é curioso frizar o que disse aquele digníssimo jornalista:

«No Diário de Lisboa», T. da Silva, não faz apenas jornalismo desportivo, mas também geral, com o mesmo fulgor do jornalismo desportivo.»

Como seleccionador impôs-se pelo sentido e esclarecimento que tem dos problemas do futebol.

Estas facilidades levadas para a própria constituição da selecção, tinham necessariamente de se impor e alcançar êxito absoluto. Existe este que transparece claramente nas vitórias alcançadas sobre a Irlanda (na Irlanda) e sobre a Espanha.

Especialmente esta última porque foi

produto da sua visão, conhecedor profundo do futebol espanhol.

O dr. Tavares da Silva sabendo que estes não estavam integrados nas táticas modernas por cuja adopção em Portugal tanto trabalhou, fez com que a nossa selecção se integrasse com inteira consciência no espírito duma verdadeira e grande equipa moderna. Esta integração conduziu a um triunfo que ficará para sempre gravado a letras de ouro no futebol português.

E pelos seus vastos conhecimentos técnicos, pelo seu sentido de construtor de equipas, Tavares da Silva possui ainda o segredo da arquitetura dos jogos não só pelas linhas, mas também pela matéria prima escolhida. Tavares da Silva é pois a verdadeira encarnação dum seleccionador.

Como amigo — chegou para mim o momento mais difícil, pois era agora que eu desejava ser bastante eloquente para lhe mostrar, grande amigo, o quanto lhe devemos, o quanto lhe queremos, e quanta gratidão encerra o coração dos que vestiram, e dos que vestem com orgulho, essa camisola preta da A. A. de Coimbra.

Está ainda na mente de todos nós, e já mais poderemos esquecer as horas tristes que vivemos. Já já vir dois anos! Foi então que alguém se lembrou do nosso grande amigo, para vir em auxílio da nossa Briosoa.

Desinteressadamente deixou os seus afazeres profissionais, o seu lar, arriscou, enfim, a carreira brilhante que há pouco lhes descrevi, só para com os seus conhecimentos técnicos e táticos, com a alegria que lhe é peculiar, incutir no ânimo duma dúzia de rapazes o que era preciso fazer para nos salvar, para salvar a nossa, a sua grande A. A.

Todos nós sabemos que era impossível! O nosso bom amigo melhor do que ninguém, mas nunca desistiu e quando menos se esperava lá ia de abalada até Elvas, Olhão, etc.

Não sei porque, mas com a sua presença a rapaziada sentia-se mais alegre, mais satisfeita e mais confiante.

Por tudo isto que lhes acabo de dizer, desde então, o dr. Tavares da Silva foi considerado e hoje por todos como verdadeiro, sincero e desinteressado amigo da nossa Briosoa, da Associação Académica de Coimbra.

José Ramos, presidente da Secção de Futebol, manifestou os seus agradecimentos pela dedicação de Tavares da Silva, cujos actos eram sempre de uma sinceridade admirável. O dr. Amorim Afonso, antigo presidente da Académica, que com o homenageado atravessou as horas tristes do abaixamento de Divisão para assistir depois ao regresso, referiu-se à maneira como o nosso companheiro aceitara o cargo, o que ele fizera e como acompanhara a vida da Académica, acabando por manifestar o que representava ser jogador de Coimbra e envogar a capa e batinha. Manuel Reis Botto, antigo dirigente da Secção de Futebol, também se referiu com viva admiração e amizade ao nosso camarada.

Pelos estudantes falou António Almeida Santos que, num brinde eloquentíssimo, aludiu à viagem do Orfeão à Africa, para salientar a recordação inapagável que ficava em todos dos tempos de Coimbra, justificando em seguida a homenagem e traçando o perfil de Tavares da Silva, vendo-o como homem e desportista. Com simplicidade, o jogador Nana, em nome de todos os jogadores, teve

palavras de profunda ternura para o antigo orientador técnico, oferecendo a este e a sua esposa, dois objectos de prata, de grande delicadeza. Pika, o estudante de alma coimbrã, figura popular e dominadora pela graça e espírito, desanuviou o ambiente contando um episódio para depois cair em funda nostalgia, ao fazer a afirmação «de que já não se pode dizer estudante de Coimbra».

Tavares da Silva, chefe da Redacção da «Stadium», de improviso, e no tom de sinceridade que o caracteriza, falou e agradeceu largamente todas as referências, declarando que ele não tinha vencido em Coimbra, nos seus propósitos, mas se ufana de ter sido vencido, pela amizade dos rapazes, pelo respeito dos estudantes e pelo próprio ambiente. O êxito estava reservado pelo Destino, disse, para o dr. Alberto Gomes, ali presente, inesquecível e incomparável jogador, que com tenacidade dirigiu o team e o fez subir. Mas se nada ensinar, afirmou Tavares da Silva, muito aprendera no convívio com os jogadores e estudantes de Coimbra, em lealdade, dedicação e sensibilidade. Numa palavra, em solidariedade. Continuando, o nosso camarada fez a comparação da Académica com outros clubes, para melhor realçar as virtudes desta instituição escolar.

Durante o jantar irromperam na sala vários estudantes e adeptos que se associaram vibrantemente à homenagem. Os jogadores — poucos foram — que não puderam comparecer escreveram ao nosso querido companheiro.

Depois, no Penedo da Saudade, realizou-se uma serenata, com Almeida Santos e o jogador Tite, na guitarra e viola, cantando Anarolindo e Alcides. A homenagem a Tavares da Silva foi um acto de apreço e justiça prestado pelos jogadores e pela Associação Académica de Coimbra.

Ano VIII — II Série — N.º 569
Lisboa, 28 de Dezembro de 1949

Stadium

REVISTA DESPORTIVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DA ROSA 252-1.º

Telefone, 31187 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade de
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura



A equipa da Casa C. Santos, Lda, (estreada na 2.ª categoria) — De pé, da esquerda para a direita — Pereira, Diniz, Gaspar, Raul, Cruz e Pascoal. No 1.º plano — Alves, Rui, Fernandes, Ogando e Dornelas

Fernando Magro (Negrita)

o voluntarioso dianteiro do ESTORIL PRAIA
fala para a «Stadium»



A multidão, qual rio caudaloso que vai engrossando durante o seu percurso, dirigia-se para as saídas do campo.

Faltavam poucos minutos para que o prêmio atingisse o seu termo. No entanto, nós e muitos milhares de aficionados, continuávamos firmes no nosso posto, acompanhando com o interesse costumado o desenrolar das jogadas que se sucediam com ritmo vivo e enfiado perante os nossos olhos.

As duas equipas procuravam a todo o transe desfazer a igualdade, porfiando os componentes da luta em despendo o máximo do esforço na ância de que o momento nevrálgico chegasse e, com ele, a satisfação de uma vitória conseguida mercê do apego revelado e do aproveitamento pronto da ocasião soberana.

O árbitro consultou o relógio. Nós fizemos o mesmo. Havia nesse momento quarenta e dois minutos de jogo da segunda parte.

— O resultado está feito! — exclamou com ar aborrecido o nosso vizinho da esquerda, que ostentava na lapela o emblema do Estoril Praia.

— Ainda faltam 3 minutos — ripostamos, voltando a atenção para o que se passava no rectângulo.

Palavras não eram ditas, vimos o n.º 9 da equipa da Costa do Sol receber a bola de um companheiro da defesa, sugeri-la com habilidade e, cobrindo-a excelentemente com o corpo, iniciar o caminho em direcção às balizas contrárias.

No vasto recinto, o silêncio é profundo... os corações batem mais depressa...

O que se passou foi rápido. A progressão continuou apesar da oposição de um, dois, três adversários, que ficaram para trás.

Um pontapé seco e colocado... um golo de efeito... uma vitória preciosa.

O alarido do campo ensurdece. Os companheiros do rematador exultam, pulam, felicitam-no e felicitam-se!

Grande golo! — tornou a exclamar com a alegria estampada no rosto o nosso ruidoso companheiro, quando o apito do juiz de campo deu por findo o encontro.

— Como se chama o rapaz? — inquirimos.

— E' o Negrita. E olhe que tem um jeito!

Com aquela curiosidade própria de jornalista, acompanhámos o apaixonado dos «amarelos», com o fito de sabermos alguma coisa a respeito do jogador que, de facto, nos tinha impressionado fortemente pela maneira desventolada como actuava.

As palavras são como as cerejas... e entre dois «furiosos» do balão redondo a expansão é fácil e natural quando o tema da conversa trata de futebol.

Assim, ficámos sabendo que o jogador do Estoril se chama Fernando Magro e tem 27 anos de idade. E' conhecido por Negrita, desde miúdo, pelo moreno do rosto, tendo nascido no populoso bairro de Alcântara. Que mora em Cascais, mas está empregado em Paredes, num estabelecimento comercial. E, finalmente, que alinha durante bastante tempo no Grupo Dramático e Sportivo de Cascais.

Quando nos despedimos do nosso amável companheiro, prometemos a nós próprios, ouvir o estorilense, revelando aos nossos estimados leitores as suas impressões.

Depois de inquirirmos por intermédio de terceiros onde o podíamos encontrar, telefonámos-lhe e a conversa travou-se à mesa de um café.

Fernando Magro é uma figura simpática, que fala com desprendimento.

Depois de ter confirmado as asserções do sócio do Estoril, que lhe revelámos, elucidou-nos:

— Fiz o primeiro jogo pelo Cascais na época de 1939-40, em reservas, tendo na temporada seguinte ascendido à turma de honra. Fui campeão do núcleo Oeiras-Cascais, prova oficial da A. F. L. Conservei-me no clube até fim de 1947-48, se bem que, em 1944-45 tenha treinado no Sporting, onde não fiquei por divergências nas condições propostas e tenha, também, solicitado depois a transferência para o Estoril, que foi indeferida.

«Naquele sonho ledo — que é comum a qualquer mortal — de ser «alguém» na carreira desportiva que escolhi, resolvi-me, a época passada, a treinar na Amoreira, a instâncias de um amigo «ferrenho» pela equipa do Estoril Praia, após ter pensado no Académico de Viseu. Do meu valor, ou habilidade, apreciada por quem de direito, resultou a assinatura da ficha e a minha inclusão na equipa de reservas. Depois, no último encontro do Campeonato Nacional, defrontei o Futebol Clube do Porto, na categoria principal, tendo no campo do adversário, marcado o golo da minha equipa, que perdeu o pleito por 2-1. Esta época tenho continuado no grupo de honra e tudo farei para não ser substituído.

Ouvimos com a maior atenção este desabafo, não o tendo interrompido para que a sua forma de expor não fosse adulterada.

Fidéis a este princípio, encaminhamos a conversa para outro campo, dando-lhe ensejo para se pronunciar abertamente.

Eis o que nos disse:

— Tenho ocupado vários lugares nas equipas onde tenho alinhado. No Cascais, joguei a todos da linha dianteira e até a defesa central. No Estoril, a avançado-centro e extremo-direito, na primeira categoria e no primeiro posto citado, nas reservas. Contudo, o lugar que me fascina, o do meu maior agrado e predilecção, é sem dúvida o de interior, esquerdo ou direito, tanto me faz, porque me sirvo dos dois pés com a mesma confiança e precisão! Não calcula o prazer que sinto em atirar à baliza! E quando marco golo? Enfim... só tenho pena de não ter atirado pela certa mais vezes... embora já não sejam muito poucos aqueles que foram mesmo... Ser um bom interior é uma tentação que não me abandona. Nesse lugar há quatro homens que não esqueço: Pinga, Travassos, Alberto Gomes e Vieira.

Magro, calou-se, com um olhar distante: — quem sabe se a recordar alguma façanha destes ídolos do futebol portugueses!

Um novo rosário de considerandos, provocou este desabafo:

— Gosto imenso de ver jogar futebol, seguindo com o máximo interesse o desenrolar das jogadas. No conjunto de qualquer equipa há valores que se destacam. Vou citar-lhe alguns atletas que admiro e admirei sem reservas: Rogério, Ben David, Gastão, Albano, Vasques, Peyroteo, Espírito Santo, Mourão, Carlos Pereira, Soeiro e Pireza. Acerca de treinadores, quero citar-lhe os nomes de Vítor Silva, Pedro Silva, Biri e Piza, que sempre me acarinham e ajudaram a caminhar em frente, nesta estrada difícil e tortuosa do desporto.

— Prática mais alguma modalidade? — indagámos objectivamente.

— No Verão, natação. Mas, com regularidade e oficialmente, sou componente das reservas do Grupo Dramático e Sportivo de Cascais em hóquei patinado, alinhando sempre que não surge incompatibilidade com o futebol. Gosto imenso deste desporto! Vamos ganhar novamente o Campeonato Mundial! Os portugueses são simplesmente portentosos! Correia dos Santos, Jesus Correia, Sidónio, Emídio e tantos mais, são únicos!

A exuberância revelada pelo nosso interlocutor era sintoma claro da sua devoção pelo hóquei.

Mais um punhado de revelações:

— Não me perturba o jogar no campo do adversário. Jogo com a preocupação na bola e sou surdo aos comentários desagradáveis da assistência, onde quer que actue. Cuido da minha preparação e treino duas vezes por semana, por não ter tempo para mais. De resto faço vida regrada e espero durar ainda bons anos, apesar da maioria dos terreiros serem pelados. Quando chegar o dia em que se jogar apenas sobre a relva?

Houve suspensão na conversa. Não sabemos responder. Magro, então prosseguiu:

— Na minha modesta vida de futebolista a vitória sobre o Celta de Vigo é a mais agradável e a derrota que sofri, imposta pelo Palmense ou Cascais, após três horas e meia de jogo, em dois prêmios, claro, a mais triste.

— Tem ambições que desejaria ver realizadas? — inquirimos.

— Além das que já citei, só mais uma. Oxalá que o Estoril termine o Campeonato Nacional em ótima posição, o que acredito não será difícil. Aguardemos.

ANDEBOL

Do Torneio de Abertura ao Campeonato Regional

JOGA-SE, ao presente, muito pouco o andebol em Lisboa; é esta a triste verificação a fazer-se ao cabo de duas jornadas do campeonato e de várias mais de um torneio que serviu aos clubes para preparação das suas equipas.

Pela terceira vez consecutiva, o Sporting e o Belenenses foram finalistas dessa prova inaugural da época e os «15» saíram vencedores por 52, marca muito mais expressiva do que foi, na realidade, a diferença em campo entre os grupos adversários.

A classe do andebol praticado neste encontro, não valeu muito; o único jogador agrudou, pelo seu dinamismo, pela compreensão táctica, pela habilidade na esquiava e no passe: o sportinguista Nunes, que merece ser considerado o artilheiro da vitória do seu clube, pois esteve na origem de três dos pontos por ele marcados.

O andebol é uma modalidade que alcançou nos últimos anos uma interessante soma de bons resultados internacionais; no entanto, pelo que nos está sendo, dado observar, os progressos tácticos ou de técnica individual são insignificantes. Os clubes insistem em manter na equipa representativa jogadores já veteranos, mal preparados, com dificuldade de acompanhar o ritmo acelerado do desenvolvimento das jogadas e daí lhe advém perda de eficiência e confusão na arquitectura dos lances. Sucede, às vezes — e isso se viu nesta partida — que a substituição de um jogador «com galões», por outro ainda recruta mas mais jovem, aumenta consideravelmente o rendimento de uma linha.

FESTAS FELIZES

«Stadium», que vive exclusivamente dos seus leitores, assinantes e anunciantes, e da simpatia de milhares de adeptos desportivos espalhados pelo País, deseja a todos, nesta quadra festiva, as maiores prosperidades e um novo ano carregado de felicidades.

Dir-se-ia que «Stadium» e os seus leitores formam uma boa família, unidos espiritualmente, a todos queremos as venturas que desejamos para nós próprios.

Aproveitamos a oportunidade para agradecer as «boas festas» que temos recebido, pois se torna impossível agradecer a cada um particularmente. Que todos sejam felizes, eis os nossos votos.

Queremos chamar a atenção dos jogadores lisboetas, pelo menos daqueles que vimos em acção, para a forma irregular como fazem obstrução, fechando os braços; com um árbitro cumpridor das leis — que não foi o caso — sofreram um dilúvio de castigos.

O 19.º Campeonato Regional (Sporting, 11 vitórias; Belenenses, 3; Académico, «Os Treze», Unidos e «Cuf», 1 vitória cada) principiou com sete concorrentes apenas, o que é escasso, demasiadamente escasso ao cabo de tantos anos de esforços e de propaganda.

Da apreciação geral dos seis encontros disputados, resulta a confirmação do pessimismo atrás registado; uma só equipa, a do Oriental, deixou boa impressão de trabalho de renovação nos seus efectivos e consequente progresso. A sua vitória por 84 sobre «Os Treze», adversário sempre difícil, é suficientemente expressiva e permite augurar ao simpático clube, papel importante no desenrolar da competição.

O mais categorizado encontro das duas jornadas, disputou-se entre o Benfica e o Sporting, mas desiludiu por completo o público que acorrera atraído pela velha rivalidade entre os verdes e os encarnados. O Sporting ganhou dificilmente por 21 e a exibição de ambos os grupos foi caracterizadamente inferior.

O Benfica, com Poleri em grande realce nas redes, contribuiu muito para destruir a beleza da luta, com o propósito preconcebido pela sua defesa de não deixar passar nenhum adversário: agarrando, puchando pelas camisolas, exercendo toda a espécie de obstrução irregular. A sua linha avançada é tardia no remate (Albuquerque impõe-se pela potência do tiro) e exagerada nos batimentos da bola ao solo.

Por sua banda, os sportinguistas valeram-se uma vez mais da classe e do dinamismo de Nunes, da segurança do defesa Domingos Ferreira e da intuição de Gonçalves, novo elemento de valor. A efectividade stacante da equipa foi prejudicada pela morosidade do avançado-centro e pela fragilidade dos extremos.

O Belenenses, nas suas duas saídas no torneio, alcançou resultados copiosos, mas esperemos confirmação contra adversários de mais categoria.

Os arbitragens deixam bastante a desejar; falta de autoridade, receio de punir com equivalência à importância da falta (não há grandes penalidades), tolerância de jogadas que a lei condena (obstrução irregular), esquecimento de que deve ser considerada agravante a repetição propositada e frequente da mesma falta, etc.

JOSÉ DE EÇA

ARCADIA DANCING DE LUXO

AMBIENTE COSMOPOLITA

EXITO RETUMBANTE E CLAMOROSO

da eminente parilha de baile espanhol

Luisa Coral y Pepe Lara

Em pleno trunfo os artistas do simpello

Olympia y Raga

ODETTE FEVRIER — LUISITA VELEZ

Carmelita de Cardobe, Mary-Mely, Mabel Volencia, Angeles e Merche, Rosa Marill

Marque o sua mesa para o grande

REVEILLON

SURPRESAS!

ABERTO toda a noite

Música constante e alegre pelas dinâmicas ORQUESTRAS

Los Latinos e Arcadia com a vocalista SARITA MONTEZ

3.ª Feira, dia 5 de Janeiro **1.º Baile de Máscaras**

PAGINA DE COIMBRA

As entidades oficiais e a «Stadium»

Começamos a publicar neste Número uma «Página de Coimbra», que de vez em quando publicaremos, mas regularmente, talvez quinzena a quinzena, dando conta do movimento de educação física da Cidade Universitária. Correspondemos, deste modo, à acção que a cidade nos dedica, e que nós servimos o melhor possível, encarregando o nosso brilhante camarada Adriano Peixoto dessa reportagem destinada a despertar grande interesse.

Do Sporting Clube de Portugal recebemos o seguinte ofício: — «Pelo presente vimos apresentar a V. os nossos melhores agradecimentos pela gentil colaboração que se dignou conceder à nossa Organização com a publicidade dada aos festivais de ciclismo em pista organizados pelo Sporting Clube de Portugal e Sport Lisboa e Benfica.

Muito penhorados com a vossa atenção, esperamos na próxima época ficarmos devendo mais uma vez o favor de vossa preciosa ajuda.

E temos sempre prontos a auxiliar o movimento desportivo, e aqui deixamos firmemente esta afirmação.

A «graça» da semana



A azeitona de Elvas ia quase estragando o jantar do Natal ao Sporting...

No Mundo da Bola

Pelo Jornalista Desconhecido

CORRE QUE...

Os estudantes estavam a ver o encontro Académica-Sporting e ao mesmo tempo, com aparelhos de rádio portáteis, verificando a forma como o locutor se comportava.

♦ A antetia de cinquenta por cento relativamente às penas aplicadas, exceptuando as irradiações, talvez pela impossibilidade da contagem de tempo, está muito bem nos sectores desportivos.

♦ O conhecido Caso Wilson — ter Szabo dado indicações ao centro-avanzado do Sporting, morreu, findo o inquérito e já não será levado à assembleia geral.

♦ O vice-presidente do Benfica Francisco Retorta, elemento prestigioso e muito activo, não fará parte da futura gerência.

♦ A Associação Académica teria o máximo empenho em utilizar aliada na presente época o seu jogador, Duarte, mas não consegue a anuência do Benfica.

♦ Alberto Brito, depois de tomar posse do cargo de dirigente da Federação, já resolveu alguns casos que interessavam vivamente o Norte.

♦ A Comissão Central de Arbitros não pode reunir-se em Coimbra, por haver chegado tarde o sr. Manuel Monteiro.

♦ A Académica aguarda para a próxima temporada vários reforços que devem valorizar grandemente a sua categoria de honra.

♦ O Conselho Técnico ou de Seleção reuniu, em Coimbra, no dia do Sporting, mas trocaram-se apenas impressões na generalidade entre os membros do dito. Ainda nada está resolvido.

♦ Carado, que esteve internado algum tempo numa clínica particular, já treinou e reaparecerá ao próximo domingo, em Setúbal.

♦ O desafio do Sporting contra Elvas se realizou no dia de Natal, por decisão de entidades superiores à Federação.

CONTA-GOTAS

A presidência do Sporting

No último Conselho Geral do Sporting foram propostos para a próxima assembleia geral do clube, respectivamente, para os lugares de presidentes da assembleia geral, direcção e conselho fiscal, os srs. drs. Palma Carlos e Ribeiro Ferreira, e Carlos Farinha.

O conselho geral, interpretando o sentir de todos os associados, manifestou a opinião de que era imprescindível a continuação do cargo do sr. dr. António Ribeiro Ferreira, cuja acção foi vivamente elogiada pelos srs. eng. André Navarro, dr. Campos Figueira, cap. Maia Loureiro, dr. Amado de Aguiar, dr. Monteiro Junior e Sobral Junior.

No intervalo do encontro Sporting-Elvas, os associados e a equipa, por intermédio de Azevedo, pediram ao dr. Ribeiro Ferreira para mais uma vez se sacrificar pelo clube, e a ovação a que estes pedidos deu lugar teve qualquer coisa de apoloógica.

É raro um dirigente reunir à sua volta uma tão grande unanimidade de vistas, e tal parece-nos a prova inofismável de que o clube encontrou o homem capaz de o dirigir, com verdadeiro apuro e grandesa.

Sporting no Funchal

Partiu ontem para o Funchal no «Serpa Pinto», o grupo leonino que teve uma despedida afectuosíssima.

Os «leões» disputam apenas um só encontro, contra o Marítimo, o qual é aguardado com vivo interesse. Os «leões» gozam no Funchal de grande prestígio, e o Marítimo é um adversário duríssimo. O desafio em perspectiva em terras madeirenses apresenta todo o tempero dos bons peliscos.

O nosso chefe da Redacção, dr. Tavares da Silva, que tinha sido convidado pela Comissão de Turismo da Madeira a acompanhar o Sporting, não pode aceitar o honroso convite.

Arbitros novos

Ultimamente têm sido experimentados vários árbitros, numa tentativa sensata da Comissão Central, na direcção de partidas importantes. Ora, sucede que esses novos valores têm dado boa conta do recado, o que nos leva a incitar o Organismo dirigente a prosseguir nos seus propósitos.

O HOMEM ANEDOTA

O sr. Cândido de Oliveira limitou-se, para não esclarescer uma afirmação que fizera e que era evidentemente falsa, a contar-nos uma anedota encimada pela graça de um título, gracinhas em que o talentoso jornalista é fértil, mas a qual não produzia em nosso espírito a mais leve impressão. Caminhámos direito a um fim, obstinadamente, que é o de desmasar este homem e apresentá-lo tal qual é por dentro e por fora, os processos que ele adopta e põe em prática, convencido de que tem o Mundo na mão. Felizmente, o sr. Cândido de Oliveira já vai sendo cada vez mais conhecido.

Ora, deu-se o caso, para recordar bem, do homem ter dito que, nos estágios, os jogadores internacionais comiam e bebiam do melhor que havia, levando uma vida de «bars» de capital. Isto a propósito de determinado problema da bola. Não entramos na análise do artigo, cuja matéria não nos interessava, mas como recia sobre nós uma acusação tão forte, limitámo-nos ao devido correctivo. Dissémos, portanto, tratar-se de uma calúnia, explicando que o regime alimentar era sugerido e controlado pelo médico da equipa, verificando-se nos estágios, ordem, método e disciplina de preparação.

Cândido de Oliveira só tinha um de dois caminhos a seguir: ou provava que a sua afirmação era verdadeira; ou desdizia-se, rectificando convenientemente os seus dizeres e lembrando-se que o seu reconhecido atrevimento deve ter um limite.

Mas como se trata de um homem que, pelos vistos, não é inclinado para a boa conduta entre homens, não fez nem uma nem outra coisa, tomando o caminho de fazer espírito, contando uma anedota e tirando dela a moralidade que *de pleno se lhe pode aplicar*, e não a nós, que somos muito diferentes. Cândido de Oliveira, desdenhosamente, subiu ao Olimpo sem se dignar olhar cá para a Terra, encerrou-se na sua Torre de Marfim, e de lá teve ainda a infinita misericórdia de anunciar, certamente de sorriso matreiro e com os seus sequezes babadinhos de gozo, que *que não nos ligava nenhuma*.

Continuamos em desacordo, e já agora parece que isto sucederá pela vida adiante. Não interessa classificar o procedimento, que é bem o de um indivíduo que reconhece ter ido longe demais e sente o terreno fugir-lhe... Mas sempre queremos dizer que, pela nossa parte, continuaremos a ligar-lhe toda a mão deixando passar em claro qualquer das suas afirmações, como esta, que nos tocou, e que tenham a configuração da calúnia. Ao menos, temos o prazer de ver o homem transformado em anedota.

O mais curioso do caso é que, e isso dá-nos alguma satisfação, em artigo posterior, mais longo e longo, o sr. Cândido de Oliveira, referindo-se objectivamente aos estágios, como que tocado na sua consciência, já não insiste na calúnia, mas deriva em filis doces para outra orientação. Depois de se referir ao Portugal-Inglaterra que é um desafio que se recorda lá em casa, invariavelmente, às 2.^{as} e 5.^{as} feiras, expõe a sua opinião e condena os estágios curtos, aliás, cuja prática seguia sempre, nos seguintes termos:

«Do ponto de vista da preparação da equipa, o resultado é este: — o estágio incita a excessos prejudiciais: excesso de alimentação, por ser boa e abundante a mesa; excesso de tabaco, por haver muitas horas de ócio, que incitam ao jogo de cartas e ao fumo moderado; e excesso de repouso, com os inconvenientes de um sedentarismo precipitado.

A brusca alteração do regime alimentar e de vida do jogador, a poucos dias do encontro, assemelha-se, em muitos aspectos, à perturbação causada pela viagem de muitos dias e que faz reconhecer a todos os técnicos que uma equipa, fora de casa, sofre sempre uma variável mas importante inferiorização.

Com efeito, no dia do jogo, e após alguns dias de estágio, os jogadores não são os mesmos do que seriam se a sua vida tivesse prosseguido no ritmo normal até à véspera da partida».

É fácil verificar que, entre a maneira como agora é posto o problema, e como o foi da primeira vez, há um abismo, o que quer dizer termos conseguido que o sr. Cândido de Oliveira anulasse a afirmação, ainda que com custo.

Não interessa discutir a opinião de hoje, nem esse é o objectivo destas considerações. Mas sempre diremos resumidamente que, incitando os estágios a excessos, procuramos eliminar estes, dando uma vida de trabalho aos internacionais e um regime alimentar não-alterado, ao ponto dos jogadores ganharem robustez, não passando mais de um modo geral no fim do que pesavam no principio. E não deixaremos também de afirmar que nos parece lúbrica a preparação dos jogadores em quatro meses de estágio. Mas, enfim, o sr. Cândido de Oliveira lá sabe como isso seria possível, ele, que já descobriu com suspeiça haver luta de interesses entre a Seleção e os Clubes. Mas isso já não nos importa, de momento. O que não deixaremos de passar em claro, e disso pode ele estar certo, todas as afirmações falsas e de estilo esultoso do antigo capitão da categoria de honra do Benfica e recente treinador do Sporting.

PÁGINA DE COIMBRA

A obra dum clube

CHAMANDO rapazes que em Coimbra continuam ou recomeçam os seus estudos, não resta dúvida que a Associação Académica tem realizado uma notável obra sob o ponto de vista social e desportivo. Social, por proporcionar àqueles a obtenção dos seus cursos, sem quaisquer encargos para as respectivas famílias; desportivo, por conduzir à revelação de valores que, em consequência de dificuldade de acesso em outras equipas, na Académica vão encontrar as possibilidades que até então se lhes negavam...

É evidente que um jogador de futebol pode ser estudante em Lisboa, no Porto, em Faro ou em Bragança, onde quer que haja, em suma, uma Universidade, um Liceu ou uma escola técnica.

Simplemente, em Coimbra o ambiente é especial, como especial o ambiente do clube.

Esta tese está ilustrada por um vastíssimo número de casos. Podíamos recordar um rôr deles, casos de jogadores que em outros centros haviam mesmo abandonado os estudos e logo que transplantados para o clima escolar de Coimbra, estimulados pelo convívio e pelo exemplo de companheiros, em Coimbra continuaram esses estudos e se afirmaram notáveis estudantes, ao mesmo tempo que excelentes jogadores de futebol, pois se as musas nunca fizeram mal aos doutores, também o futebol nunca impediu um bom estudante de continuar a ser um bom aluno.

E quantos exemplos não podíamos evocar de rapazes que não encontrando em outros clubes as facilidades de ingresso nas categorias principais, permaneceriam apagados como jogadores, se não se tivessem transferido para a Académica?

Muitíssimos, por certo.

A própria renovação da equipa no caso da Académica se reveste de aspectos novos, pois o estudante que termina o curso quase sempre deixa Coimbra, é a grande determinante de tal acesso.

Todos os anos sobe ou aparece na equipa principal gente nova ou desconhecida, que não tarda em evidenciar-se e ganhar projecção. Casos? Exemplos?

Mas para que os citar ou referir, se são do conhecimento geral?

A classe de Alberto Gomes teria, porventura, atingido tamanha altura se na Académica não tivesse encontrado o ambiente propício ao seu desenvolvimento?

Sem dúvida, o clube dos estudantes de Coimbra tem realizado, sob estes dois aspectos, uma obra que todos devemos reconhecer — e exaltar.



Uma fotografia histórica

PELA primeira vez em 1937 uma equipa portuguesa continental percorreu várias terras das províncias de Angola e Moçambique e visitou algumas cidades da União Sul Africana. Essa equipa foi a da Associação Académica, que na época imediata ao seu regresso havia de alcançar o seu mais retumbante triunfo, ganhando a «Taça de Portugal».

A fotografia que acima reproduzimos foi tirada em Nova Lisboa, antes dum jogo realizado pela Académica.

No primeiro plano vêm-se da esquerda para a direita: Cesar Machado, que pertenceu ao Boavista e ao Futebol Clube do Porto, jogou num clube do Rio de Janeiro e está hoje em Moçambique, onde é regente agrícola; Cipriano

Santos, guarda-redes suplente e mais tarde guarda-redes da selecção nacional de hóquei; António Santos, do Futebol Clube do Porto, que seguiu a reforçar a equipa coimbrã; dr. Alberto Gomes, Peçeta, que joga ainda pelo clube de Chaves, e Barros (Nelo), que foi ponta esquerda do Benfica.

De pé, João Teixeira, dr. Tibério Antunes, actual director-interino do I. N. E. F., Manuel da Costa, também mais tarde jogador do Benfica e o ano passado da Sanjoanense; Alberto Cunha, das reservas do Benfica; Arnaldo Carneiro, actualmente no Cova da Piedade; dr. José Maria Antunes; Octaviano, hoje extremo esquerdo do Ginásio de Alcabças, Carlos Faustino da Silva, capitão do Exército e actual comandante da P. S. P. em Viana do Castelo, e o treinador Estevão Puskas que voltou a Lourenço Marques na época seguinte, onde permaneceu três anos como orientador do Ferroviários, regressando dali a Hungria.

Documento precioso de uma bela e grande época da Académica, que a partir de então surge e se mantém no plano de maior evidência do futebol nacional.

OS "INTERNACIONAIS"

DO FUTEBOL

CONIMBRIGENSE

Esta é a homenagem de «Stadium» aos «internacionais» do futebol conimbricense.

Seis dos jogadores da região tiveram já a honra de figurar como efectivos e suplentes da selecção nacional.

Como suplentes, os drs. Rui Cunha e Conceição, da Académica, e Fernando Alves, do Sport.

Como efectivos, José da Silva, do União, dr. Alberto Gomes e António Bentes, da Académica.

É verdadeiramente uma representação dos três mais antigos e prestigiosos clubes da cidade.

O dr. Rui Cunha, hoje médico da aviação nos Açores, e Conceição, exercendo a sua profissão de director-técnico farmacêutico em Orléans, foram suplentes em jogos realizados, respectivamente, em Madrid e Paris, nos lugares de avançado-centro e interior-esquerdo. Fernando Alves, cuja festa de homenagem se anuncia para breve, é o jogador português mais velho em actividade,



António Bentes, dr. Alberto Gomes e José da Silva — Os três «internacionais» efectivos

pois continua a ser o guarda-redes do seu clube, aos 42 anos de idade...

Internacionais efectivíssimos são José da Silva, dr. Alberto Gomes e Bentes. O primeiro, como médio-direito no Portugal-Itália que perdemos no Porto por 0-2, cabendo-lhe de frontar um dos extremos esquerdos mais notáveis de todos os tempos, o italo-argentino Orsi, depois também famoso como violinista; o segundo, interior-direito da equipa nacional contra a Suíça e contra a França, em Lisboa e Paris, e o terceiro, como extremo-esquerdo contra a Irlanda e a Espanha (se-

lecção B), em Lisboa, Dublin (suplente) e Corunha.

Dos seis, estão retirados Rui Cunha, o melhor avançado-centro que tem passado pela Académica, e Conceição, interior da melhor categoria, servida por um drible admirável e remate fortíssimo.

O dr. Alberto Gomes, que se retirou a época passada, após ter sido o obreiro do regresso do clube dos estudantes à I Divisão, é agora o orientador técnico da equipa e o preparador da categoria de juniores, que acaba de ganhar o torneio da Taça «José da Silva», organizado pela A. F. de Coimbra.

José da Silva, dedicação de sempre ao serviço do União, dirige e treina os juniores do clube, uma obra absolutamente sua, diremos.

De Fernando Alves já se falou. Resta dizer que Bentes — espera ser de novo «internacional».

Consta...

— que um dos clubes argentinos que se encontram em Espanha virá a Coimbra jogar com a Académica...

— que o União conta com dois novos elementos que deverão alinhar na «spole» imediata do Nacional da II Divisão...

— que Capela, Curado, Azeredo e Castela serão convocados para os treinos da selecção nacional...

Do passado... e do presente

Foram os seguintes os treinadores que passaram pela Académica: o malogrado Emílio Ramos (Rabiga), jogador que pertenceu ao Sporting e que na Académica, como treinador, deixou uma obra; Jenny, um húngaro que depois de haver também estado nos «leões» realizou em Coimbra um trabalho de preparação de jogadores que ainda hoje é frequentemente recordado; Filipe do Santos, antigo médio-centro do Vitória de Setúbal e do Sporting; Estevão Puskas, que preparou uma excelente equipa de juniores e introduziu no «team» principal a famosa jogada do «ping-pong», entre Alberto Gomes e Conceição; dr. Albano Paulo, antigo jogador da Académica; Severiano Correia, actualmente em Lourenço Marques; Eduardo Augusto, extremo direito «internacio-

O Benfica isolou-se no comando

NÃO se pode dizer que esta primeira volta do campeonato Lisboa da Divisão de Honra tenha primado pela regularidade. Circunstâncias de ordem vária quebraram por vezes o regular desenvolvimento da competição. Isto não significa, no entanto, que o torneio não tenha tido à sua volta ambiente de interesse e de franca expectativa, mormente quanto aos primeiros postos.

Concluída como está a primeira volta, o campeonato mantém todas as características indispensáveis para que a segunda fase se apresente repleta de interesse.

As últimas jornadas serviram para a realização de jogos em atraso: primeiro, numa bela sessão no Pavilhão dos Desportos, a que o público, aliás, não cor-

repondeu como seria para desejar; depois, em jeito de emergência, no campo do Ateneu Comercial.

V. jamos, primeiramente, os encontros desenrolados no excelente recinto do Parque Eduardo VII.

O jogo Algés-Sporting, dados principalmente os lugares ocupados pelos contendores na tabela da pontuação, revestia-se de belo interesse. E foi realmente um encontro bem disputado com os «leões» na posição de vencedores ao fim do primeiro tempo (12-10), e com uma notável recuperação do S. A. D. na segunda parte, que o conduziu à vitória — 27-20 — vitória a todos os títulos preciosos. O Algés está com efeito fazendo excelente carreira.

O Benfica, de olhos postos no título, desembaraçou-se com relativa facilidade do Lisboa Ginásio; ainda que sem atingir invulgar nível técnico, o encontro viu-se com muito agrado. Com 24-10 ao intervalo, os «encarnados» chegaram a vinte pontos de diferença 34-14 e 36-26, vantagem que ainda aumentaram para 46-23. Os rapazes do Lisboa Ginásio, em apreciável esforço final, reduziram-na para dezassete, nos 48-31 que constituem o resultado final.

As vitórias do Lisboa Ginásio e do Lisgás

No campo do Ateneu disputaram-se os derradeiros jogos da primeira volta — aqueles que acertaram as contas.

Lisboa Ginásio e Moscavide deram um importante jogo na tabela da classificação, dado que se encontravam em igualdade de pontos. O seu encontro tinha, pois, aspectos de decisivo. Seria mesmo natural esperar um certo equilíbrio. Tal não se verificou, porém. E os ginastas obtiveram nítido triunfo, traduzido por 60-33, com 36-21, ao intervalo. O Lisboa Ginásio deixa assim a companhia do Moscavide, sobe ao quinto posto da classificação, agora em igualdade com o Sporting.

No jogo mais importante da noite, dado que as aspirações do Algés, de terminar a primeira fase do torneio em igualdade com o Benfica, eram absolutamente legítimas, o Lisgás conseguiu a bela proeza de vencer a excelente equipa do S. A. D. — que estava fazendo magnífica carreira — por 33-27, após ter conseguido 13-11, na primeira parte. Deste desfecho, no fundo, beneficiou o Benfica, que assim pôde isolar-se no comando da classificação.

Concluída a primeira volta, a

tabela ficou organizada da forma seguinte:

	J.	V.	D.	Marc.	P.
Benfica...	7	6	1	269-169	19
Atlético...	7	5	2	209-177	17
Algés....	7	5	2	198-175	17
Lisgás....	7	4	3	177-207	15
Sporting..	7	3	4	244-241	13
L. Ginásio.	7	3	4	242-239	13
Moscavide.	7	2	5	192-250	11
Belenses	7	-	7	181-251	7

Camplide e Carnide, «leaders» da 1.ª Divisão

Na 1.ª Divisão, a luta tem prosseguido bastante renhida, devido principalmente ao equilíbrio de valores verificado. No momento em que escrevemos — e fazemo-lo nesta altura, propositadamente, aproveitando o compasso de espera motivado pela quadra festiva que atravessamos — Campolide e Carnide encontram-se em igualdade de pontos, situação que empresta às próximas jornadas especial interesse. No entanto, Boa Hora, Campo de Ourique e Pedrouços — qualquer deles capaz de uma proeza — seguem na cola dos «leaders»...

Alfás, o simples exame da tabela que a seguir publicamos, após a conclusão da nona jornada, demonstra bem até onde podem ir as aspirações de muitos clubes. Ela:

	J.	V.	D.	Marc.	P.
Campolide.	9	6	3	257-229	21
Carnide...	9	6	3	228-194	21
Boa Hora..	9	5	4	227-200	19
C. Ourique	9	5	4	215-220	19
Pedrouços.	9	5	4	241-251	19
Ateneu...	9	4	5	237-239	17
Rio Seco..	9	3	6	200-237	15
Operário..	9	2	7	207-242	13

O Queluz — comandante destacado da 2.ª Divisão

Na 2.ª Divisão, tudo parece indicar que a vitória final venha a pertencer à valorosa equipa de Queluz, muito embora ainda se alicia para arquetetar hipóteses com segurança. Mas a verdade, porém, é que o Queluz que, aliás, seguia em número um na tabela, viu agora a sua acção facilitada pelas derrotas dos seus mais próximos competidores — Maria Pia e Pena — as quais lhe permitem o avanço de quatro pontos. O grande interesse da competição reside, presentemente, na conquista dos postos de honra e na fuga do último lugar, na qual o Tabacos tem, nos Combatentes, um adversário que será difícil vencer.

Vejam, entretanto, a posição dos grupos:

	J.	V.	D.	Marc.	P.
Queluz...	9	8	1	281-178	25
Muaria Pia	9	6	3	188-164	21
Pena....	9	5	4	201-201	19
Nacional..	9	5	4	222-258	19
C. P.	9	4	5	210-203	17
Casa Pia..	9	3	6	172-220	15
Combaten.	9	3	6	209-203	15
Tabacos...	9	2	7	212-268	13

gravuras de Armels & Moreno, Lda. Travessa S. João da Praça, 38

Bodas de Ouro

EXISTE em Portugal uma federação desportiva com 50 anos de existência: a Federação Portuguesa de Ciclismo, herdeira dos pergaminhos da União Velocipédica Portuguesa, fundada em 14 de Dezembro de 1889, embora só dois anos mais tarde, em 18 de Julho de 1901, conseguisse ter legalizada no País a sua existência pela aprovação dos estatutos em assembleia geral.

É curioso notar, neste caso, que a legalização internacional precedeu a nacional, pois a U. V. P. foi aceite como filiada da União Ciclista Internacional, no congresso celebrado em Itália nos dias 6 e 7 de Abril de 1901.

Celebrando as bodas de ouro do organismo dirigente do ciclismo no País, realizou-se uma sessão solene, onde foram evocados por vários oradores os tempos mais antigos e as primeiras glórias.

Foi recordado, entre outros, o nome de José Bento Pessoa, o primeiro português que foi detentor de um rêcorde mundial, correndo no velódromo de Madrid, em 1897, os 500 metros em 32,4 s., tempo que bateu o mínimo anteriormente estabelecido pelo afamado francês Jacquelin, sete vezes campeão do Mundo de velocidade.

O dr. Salazar Carreira, no decurso da sua evocação, leu o texto do primeiro artigo dos Estatutos da U. V. P. aprovados em 1901, enaltecendo a idia animadora dos seus autores, colocando o desporto no seu verdadeiro plano educativo, primando a função social ao espírito de competição que hoje domina tudo.

Pelo seu significado, merecem ser transcritas para conhecimento público essas palavras:

«A União Velocipédica Portuguesa é uma federação com sede em Lisboa, que tem por fim desenvolver e generalizar em Portugal o ciclismo, em todas as suas formas e aplicações, defender os interesses dos ciclistas e deliciar que eles contraiam e mantenham entre si relações de estima e confraternidade, devendo para o conseguimento de tal fim promover e empregar todos os meios a ele conducentes».

Sublinhamos o tróço da frase a realçar e que é uma lição dada há meio século e proveitosa ainda: o desporto, as suas práticas, devem ser factor do aperfeiçoamento, guiados por espírito superior às contingências da luta, que nam em vez de afastar, que esclareçam em vez de obscurecer, que elevem em vez de baixar.



O Benfica e o Vitória que travaram um desafio amigável na festa de Aníbal Rendas, em Setúbal;



Aníbal Rendas entra em campo, no cenário já tradicional da despedida. L-da dentro de si tristeza e alegria!



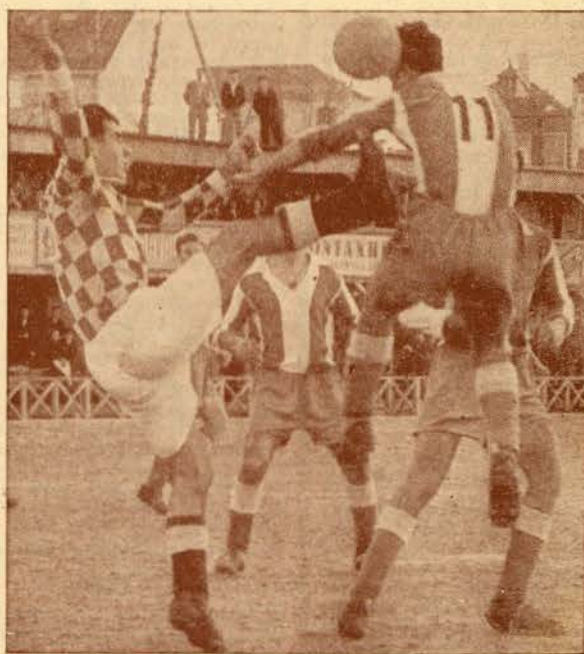
O sr. Eugénio M. Rodrigues, presidente da direcção do Vitória, abraça comovidamente o excelente jogador de Setúbal

**A homenagem
ao jogador
Aníbal Rendas
do Vitória
de Setúbal**



Vital, agora o titular da centro do ataque portuense, remata de cabeça a um canto da direita. Mota defende, captando a bola no momento próprio

Porto, 8-Boavista, 2



António Caiado pára o ataque de Vieira, do Porto, e este não pode passar tão difícil obstáculo!

Pela quarta vez, na manhã de Natal, algumas centenas de pedestrianistas atravessaram as grandes artérias da cidade, competindo na mais popular das provas do calendário atlético português.

Sem haver atíglido e classicismo da estafeta Cascais-Lisboa, igualmente porque muito mais moderna, esta corrida possui, no entanto, características para a suplantar no interesse do público; ao passo que em Cascais-Lisboa os espectadores vêm desfilar meia dúzia de homens, um de cada equipa, no Prémio do Natal, prova individual para várias categorias, ante a assistência desfilar, em vagas sucessivas, elevado número de competidores.

Este ano, chegaram aos Restauradores 17 veteranos, 33 populares, 46 iniciados, 24 júniores e 19 seniores, números que devem ser superiores aos das precedentes organizações, com excepção dos populares, que diminuíram apreciavelmente em qualidade.

Os resultados apenas em duas categorias superaram os récordes averbados: nos veteranos e nos iniciados, os dois extremos.

O progresso na prova de veteranos (os três primeiros bateram o antigo mínimo) não é de estranhar, pois entre os concorrentes começam

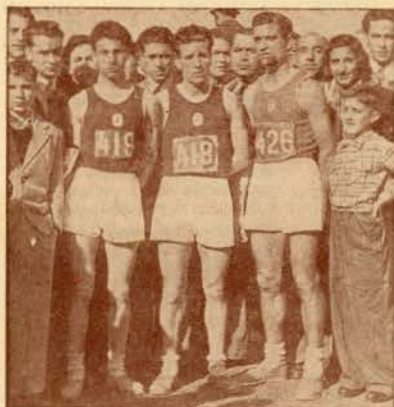


Da esquerda para a direita: José Lourenço, do Belenenses, é o 1.º dos seniores a correr a meta nos Restauradores. O veterano Matos Henriques, do Belenenses, vencedor individual da prova na sua categoria. José Gomes, do Trafaria, vencedor da corrida dos populares

ATLETISMO

No Grande Prémio do Natal

Belenenses e Benfica partilharam louros



A equipa do Benfica vencedora da prova de seniores. Da esquerda para a direita: José Araújo, Manuel Gonçalves e José Ferreira



Os três veteranos do Sporting que conquistaram para o seu clube o triunfo por equipas. Da esquerda para a direita: José Félix, Raul Oliveira e Pierre Charles

figurando homens que, embora afastados da actividade de pedestre, ainda não se enferrujaram em completa inacção.

É o caso do vencedor, Matos Henriques, árbitro de andebol e futebol, que gastou no percurso 6 m. 37,2 s., precedendo o antigo detentor do récorde, José Félix, cujo tempo foi de 6 m. 53,7 s..

Henriques representava o Belenenses, mas foi o Sporting o vencedor por equipas, sendo este o único êxito dos «leões» no decurso da jornada, que lhes não correu de fição.

O primeiro classificado na categoria popular, José Inácio Gomes (Trafaria), deixou boa impressão; robusto, com agradável passada, destacou-se progressivamente dos competidores, entrando na meta destacado.

A equipa vencedora foi a do Bairro de Inglaterra, cujos elementos se classificaram em 2.º, 5.º e 6.º, conjunto de excelente superioridade. Seguiram-se o Trafaria e o Palmense e bom seria que estes resultados os animassem a ingressar no âmbito associativo disputando as provas do programa de Inverno. Só assim, com efeitos de transição, podem interessar estas provas populares; de outra forma não passam de campo para a «pesca» dos clubes oficiais.

Das três vitórias nas categorias oficializadas, o Benfica conquistou duas e o Belenenses a terceira, mas o grande triunfador foi o Benfica, pois as suas equipas foram das três vezes vencedoras, com assentada vantagem.

Em iniciados, Gil Mendes (Benfica), bateu o récorde com 10 m. 8,9., precedendo o seu companheiro de clube Joaquim Ferreira e o belenense Mário Guedes.

SALAZAR CARREIRA

(Continua na página 13)



A equipa do Benfica vencedora da prova para iniciados. Da esquerda para a direita: João Gil Mendes, Joaquim Ferreira Coutinho e Manuel Monteiro



Os vencedores da corrida de juniores, a equipa do Benfica constituída por Manuel Dias, Claudino Martins e Augusto Silva



A equipa de Bairro de Inglaterra F. C., vencedora da prova para populares. Da esquerda para a direita: Alberto Santos, Diamantino Santos e Carlos Terleira

Apontamentos para a história do atletismo em Portugal

XI — Triplo-Salto



HENRIQUE COSTA
do Internacional

O triplo-salto é a especialidade atlética que em último lugar foi incluída nos programas portugueses, aparecendo-nos pela primeira vez nos campeonatos nacionais de 1926, por sugestão do actual inspector dos desportos José de Ayala Botto, ao tempo praticante da modalidade no Sporting Clube de Portugal.

O vencedor da primeira prova do triplo-salto, disputada no dia 1 de Agosto do citado ano, em Lisboa, foi o sportinguista Apio Nunes de Almeida, especialista e recordista do salto em comprimento, que se absteve de participar na sua prova favorita para tentar uma experiência, que resultou conclusivamente, na nova modalidade. A sua marca, que encaixava a lista dos recordes nacionais do triplo, foi de 12^m,39 e seguiu-se-lhe Mário Duarte, representante do Académico português, com 12^m,19, primeiro recorde do Norte.

Uma semana depois, no Porto, no torneio do Num'Alvares, Apio melhorou o seu recorde para 12^m,65.

Na época imediata, um outro sportinguista de grande classe, mas que a sorte nunca ajudou na vida, Fernando Marrecas, apareceu no melhor da sua forma e, tanto em comprimento como no triplo, venceu todos os concursos até ao certame organizado pelo Académico, onde uma distensão o inutilizou à primeira tentativa. Tanto no regional como no nacional alcançou distâncias que ficaram como novos máximos portugueses, 12^m,69 e 12^m,94.

Na sua ausência, a prova do concurso do Académico foi ganha pelo jogador de futebol português Acácio Mesquita, com 12^m,66, demonstrando qualidades que em 1928 se confirmaram com a conquista do recorde, no campeonato nacional, levando-o a 13,43.

Os vencedores dos regionais haviam sido, em Lisboa, José Prazeres, corredor de velocidade desviado para a especialidade, com 12^m, e no Porto o mesmo Acácio com 12,85.

A prova tinha, ao tempo, escasso número de concorrentes e raros eram os verdadeiros especialistas; em 1929, a par de Acácio Mesquita que continuou sendo o melhor (13^m,43, recorde igualado, no regional do Porto e

13^m,07 no nacional), apareceu em Lisboa um rapaz com bastante habiidade, Acácio Santos (foi, em verdade, o ano dos Acácios no triplo-salto) que triunfou no regional do sul com 12^m,92.

Celebraram-se nesta época dois encontros entre as seleções do Porto e da Galiza, incluindo o triplo, de ambas as vezes vencendo Mesquita, com 13^m,33 e 12^m,53.

Em 1930, desaparecendo o campeão português, os títulos dividiram-se; Acácio Santos venceu em Lisboa com 12^m,91, reaparecendo Fernando Marrecas, que se classificou segundo com 12^m,66; no Porto, o melhor foi Henrique Moura, com 12 m., e no nacional, verdadeira surpresa, Marrecas foi o primeiro com 12^m,87.

Além das provas oficiais obrigatórias, apenas no encontro Coimbra-Lisboa figurou o triplo-salto, sendo vencedor o lisboeta Martins Correia, com modestos 12^m,07; a prova foi excluída tanto do programa do Porto-Lisboa, como do Porto-Galiza.

Mais um ano e nova renovação completa dos campeões do triplo, nenhum dos quais era verdadeiro especialista: em Lisboa e no nacional, Cristóvão Cardoso, essencialmente saltador à vara, com 12^m,30 e 12^m,395, seguido por Luís Aguiar, saltador em altura, com 12^m,29 e Henrique Uva, corredor de velocidade, com 12^m,32; no Porto, Castro Cabrita, corredor de barreiras, com 12^m,24. E nada mais, para variar.

1932 não foi mais rico em concursos; apenas os mesmos três clássicos, programa pouco animador para os especialistas. Como campeão do Porto surge-nos um nome novo, Francisco Agonia Vieira, do Académico, com 12^m,30

e em Lisboa também outro nome inédito na especialidade, embora já conhecido como de barreirista consagrado: Guilherme de Vasconcelos, do «Cifo», com 12^m,59, o qual veio ainda a ganhar no nacional, com 12^m,68, precedendo o campeão de velocidade Mário Porto, que atingiu 12^m,64.

Os especialistas de triplo com mais tradições, como Acácio Santos e Cristóvão Cardoso, ficaram relegados para postos inferiores.

A época imediata foi a exacta reprodução desta; Agonia Vieira venceu no regional do Porto, com 12^m,76, precedendo Mário Porto com 12^m,65; Vasconcelos ganhou em Lisboa, 12^m,65 e no nacional, com 12^m,87, vindo em seguida Mário Porto, 12^m,53 e Vieira, 12^m,43.

Em 1934 a actividade foi maior; além dos campeonatos oficiais (Lisboa, Vasconcelos com 12^m,61; Porto, Vieira com 12^m,78; nacional, a que só concorreram dois saltadores, Lima Marques com 12^m,97 e José Neto com 12^m,85); realizou-se um torneio em Espinho, onde Carlos Nunes, do F.C.P., saltou 12^m,58 e duas provas internacionais.

A primeira foi o Lisboa-Madrid Académico, classificando-se José Neto em primeiro, com 12^m,95 e Vasconcelos em terceiro, com 12^m,29; entre ambos o madrilenho Pardo, 12^m,56.

Depois, no Estádio do Lumiar, o Lisboa-Barcelona, onde o triunfo sorriu em absoluto aos catalães; os quatro participantes saltaram, por ordem de classificação: Consagel, 13^m,28; Company, 13^m,06; Neto, 12^m,91 e Vasconcelos 12^m,55.

A visita foi retribuída no princípio da época seguinte e, em Barcelona, Vasconcelos conseguiu o



G. ESPIRITO SANTO
o primeiro português que alcançou os 14 metros

primeiro lugar com 12^m,89, seguindo-se Consagel com 12^m,72 e Cristóvão com 12^m,68; este último não fora seleccionado, mas veio à estação do Rossio despedir-se dos companheiros e tomou o lugar de um que faltara à última hora.

Nos campeonatos regionais venceram: em Lisboa, Vasconcelos com 13^m,41; no Porto, Vieira com 12^m,62; em Coimbra, pela primeira vez organizado, Celestino Veiga com 12^m,01. No nacional, Vasconcelos, com 12^m,75 apenas, batendo José Neto, 12^m,62.

O Benfica organizou um torneio em homenagem póstuma ao seu atleta Cristóvão Cardoso, inesperadamente felizdo meses antes das consequências de uma intervenção cirúrgica e José Neto venceu o triplo-salto com 12^m,55.

Nos anos seguintes voltou-se ao ritmo do mínimo de competições oficiais. Eis os melhores resultados.

1936: em Lisboa, Vasconcelos 13^m,30; Henrique Costa, do Belenenses, 12^m,77 e José Neto 12^m,53; no Porto, Lima Marques 12^m,76; Eloi Tavares 12^m,50; no nacional, José Neto 12^m,97 e Lima Marques 12^m,44.

1937: em Lisboa, Gil Martins 12^m,64 e H. Costa 12^m,58; no Porto, Lima Marques 13^m,25 e Fábio 12^m,78; no nacional, José Neto 12^m,55 e H. Costa 12^m,49.

1938: no Porto, Espaim Neves 12^m,75; em Lisboa, o conhecido futebolista Guilherme Espirito Santo, que se estreara como júnior, bateu nesta primeira prova de triplo em que participou o recorde nacional, levando-o para 14^m,015 e precedendo Manuel Oliveira, 12^m,99; no nacional o recordista voltou a triunfar, 13^m,96, com Oliveira também em segundo, 13^m,08.

Os atletas portugueses deslocaram-se a Viana do Castelo, em exibição de propaganda e Eloi Tavares saltou 11^m,98.

1939: em Lisboa, H. Costa, ao tempo no Internacional, com 12^m,75 e Oliveira com 12^m,48; no Porto, Espaim Neves com 12^m,41 e Eloi com 12^m,05; no nacional, Guilherme Espirito Santo com 13^m,165 e H. Costa com 12^m,64.



FERNANDO MARRECAS, dos mais habilidosos saltadores portugueses

(Continua)

SALAZAR CARREIRA

ECOS DO CONGRESSO NACIONAL DE XADREZ

PARTE dos xadrezistas que se deslocaram a Coimbra para participarem no 1.º Torneio Inter-Regional de Xadrez, tinham a desempenhar a dupla tarefa de defender no taboleiro as suas cores e representar as Associações Regionais respectivas no 1.º Congresso da modalidade.

Talvez para aqueles esta última reunião interessasse mais ainda que a competição que pouco depois viria assosberbar-lhe o cérebro durante quatro ou cinco horas!

Efectivamente, os assuntos tratados na sessão efectuada na manhã de domingo, eram de importância transcendente para o futuro da modalidade no nosso País.

Estavam presentes: Formosinho Simões, Oscar Baptista, A. Mesquita, José Ribeiro e Jorge Babo, da Comissão Directiva da Associação de Xadrez do Centro de Portugal, em organização; Pedrosa Franco, José Vinagre e Vasco Santos, dirigentes da A. X. S. e Fernando Xavier, Alexandre Gonçalves, e os irmãos Barbedo, da A. X. N.

Presidiu à sessão o sr. Carlos Pires, secretário da Federação Portuguesa de Xadrez, o qual começou por historiar, em síntese a evolução e a situação actual dos organismos de xadrez perante a Direcção Geral dos Desportos, cujos auxílios têm sido preciosos para manter o intercâmbio com o estrangeiro, nomeadamente os encontros com a Espanha e a nossa representação no último Congresso da Federação Internacional de Xadrez, de que se incumbiu o sr. engenheiro Eduardo Pellen, presidente da F. P. X.

Por unanimidade foi decidido tratar urgentemente da eleição dos corpos gerentes da Federação, de modo que esta possa ser um facto em Janeiro de 1950, tanto mais que os seus actuais dirigentes se encontram há muito em minoria.

Por proposta dos delegados do

Sul, serão reeleitos todos os dirigentes que se têm mantido no exercício das suas funções. Apon-tam-se alguns nomes para completar o elenco: comandante Henrique Vieira e Manuel Antunes, que têm exercido acção notável no G. X. L., dr. Alberto Mesquita e Rui Nascimento.

Foi seguidamente objecto de vivo debate o problema das limitações das áreas de jurisdição das três Associações Regionais. Não se chegou a uma conclusão, pelo desacordo dos delegados em preconizarem a divisão, uns por distritos e outros por províncias.

A dúvida tem a sua origem no caso dos distritos de Aveiro e Leiria, não se sabendo se devem ou não ser englobados na área da A. X. Centro.

Outro problema que suscitou o maior interesse foi o do Campeonato de Portugal. Por proposta dos delegados nortenhos, e aprovando uma nossa sugestão anterior, o título de campeão nacional deixará de ser disputado em «matchs» de 12 partidas, afim de facilitar a participação dos candidatos que se deslocam das suas terras. O detentor do título pô-lo-á em jogo numa final em que participarão dois apurados de cada Torneio de Mestres a disputar em Lisboa e Porto, e um representante de Coimbra, quando esta Associação possuir Mestres.

Por unanimidade, foi decidido reformar os estatutos e regulamentos da Federação, abolindo-se as categorias vitalícias, excepto em determinados casos.

E' esta a decisão mais importante do Congresso. Veremos, provavelmente já na próxima época, os mestres lutarem para manter a elevada categoria obtida — facto inédito nos anais do Xadrez Lusitano!

Estamos certos que, com esta inteligente medida, muito virá a lucrar o xadrez nacional, ou pelo menos, o seu prestígio!...

VASCO C. SANTOS



1.º TORNEIO INTER-REGIONAL DE XADREZ — Nos 1.ºs tabuleiros do encontro Coimbra-Lisboa, defrontam-se Oscar Baptista-Araújo Pereira e Jorge Babo-José Vinagre

Xadrez internacional

Com a vitória do dr. Machado sobre o seu adversário sueco, a posição da equipa de Portugal, no Campeonato Olímpico de Xadrez por correspondência, pode considerar-se bastante animadora. Recentemente, o dr. A. M. Pires empatou contra a Suécia e Argentina.

Portugal conta agora 2 vitórias, (ambas contra a Suécia, por intermédio de J. Moura e dr. Machado), 3 empates (sendo um deles de Carlos Pires contra a Checoslováquia) e uma derrota, contra a Itália.

Mocidade Portuguesa

FIEL às suas directrizes que datam de há catorze anos, a patriótica organização «Mocidade Portuguesa» continua a desenvolver, eficientemente, entre os seus filiados, o gosto pela cultura física e pelos desportos.

Recentemente, numa festa curtosíssima e de alto significado, realizada no ginásio da Casa da Mocidade, estiveram bem patentes os métodos pedagógicos que norteiam a «M. P.» e, ao mesmo tempo, o cuidado posto na preparação técnica dos seus desportistas. Referimo-nos à sessão efectuada com o fim de distribuir os prémios da época finda, que teve a presença, entre outras individualidades, dos srs. capitão Raul Pereira de Castro, dr. Pedro Franco e Ayala Boto, e no decorrer da qual o conhecido árbitro Gameiro Pereira proferiu uma interessante palestra acerca da técnica do futebol, da preparação dos jogadores, lembrando aos filiados que brevemente vão disputar o campeonato de futebol da Ala de Liebes, os seus deveres como jogadores e como desportistas.

No penúltimo domingo realizou-se, nos terrenos do Parque Eduardo VII uma animada prova de corta-mato, e, no próximo dia 8 de Janeiro terá início o campeonato de futebol — sem dúvidas, a mais popular competição da «M. P.» — que este ano reuniu a inserção de dezasseis equipas, distribuídas por três séries.

Não pode, com efeito, passar despercebida a alta importância deste torneio, prova cabal de que o futebol continua a ser cultivado

entre os estudantes, mas, acentue-se, cultivado em boas condições, não faltando aos filiados qualquer espécie de assistência, a começar pela de ordem técnica que está a cargo do conhecido árbitro internacional José Travaços.

Com a realização do torneio de futebol — ao qual outros se seguirão, como o de voleibol — as actividades desportivas da Mocidade Portuguesa entram no seu período de maior intensidade e movimentação. A acção do patriótico organismo continua, pois, na sua bela cruzada, na sua obra meritória em prol do revigoreamento físico da juventude, numa atitude a todos os títulos louvável e digna, portanto, dos melhores enémeros.

ABREU TORRES

“O Porto” e Tavares da Silva

“O Porto”, órgão do grande clube portuense, que, não deixando de se referir a atitudes que lesem o bom nome do clube, faz por não molestar ninguém, publicando no entanto coisas muito curiosas da vida clubista e transformando-se num elo da ligação para todos os adeptos, e destes para a direcção, dedica a sua «Tribuna de Simpatis» do penúltimo número ao nosso colega Tavares da Silva, para quem tem palavras de apreço e carinho. Apraz-nos registar e agradecer a referência para com o nosso chefe da Redacção, que, dis-se justamente na Tribuna, é um amigo do F. C. do Porto, tendo escrito sobre o clube algumas das coisas mais bonitas em qualquer época e em qualquer local.



1.º TORNEIO INTER-REGIONAL DE XADREZ — Um aspecto do Porto-Lisboa, vendo-se Oliveira Bastos executando um lance, e ainda Vasco Santos, Rui Nascimento e Carlos Pires, da equipa lisboeta

Um amigo de Romão — o Américo Ferreira Coelho, de seu nome, escreveu de Lamas para a Redacção da *Stadium* a lembrar as belas qualidades do excelente médio do F. C. do Porto. «Que nos referissemos ao seu inegável valor». Pois temo-lo feito tantas vezes! Romão, uma joia de moço, correcto como os mais correctos, sabe muito bem que o estimamos como atleta de bons recursos, jogador que é um admirável ope-rário dos desafios mais complicados».

Romão tem apenas um «defeito» (?). Não é exuberante — não se vê no terreno. Claro que outros vêm-no bem e reconhecem-lhe o valor. O médio do F. C. do Porto é dos melhores jogadores da actualidade, queiram ou não queiram forjadores de linhas nacionais, e é pena que não tivesse subido ainda outros degraus.

Questão de sorte...
 A semana foi pródiga em trazer-nos correspondência. Uma carta de Lourenço Marques, vinha-nos de uma pessoa amiga: Severiano Correia, que treinou o Atlético, Sporting de Braga, Elvas, Académica de Coimbra e outros. Diz-nos Severiano Correia, entre outras coisas, que a vida mçambicana lhe corre bem, e embora a saúde o atraia às vezes. Talvez este facto o traga mais depressa à Metrópole. Informa que não faltam por lá jogadores de boa categoria, mas que o entusiasmo pela bola, sendo grande, os liga admiravelmente ao meio em que vivem.

Abordando o problema do F. C. do Porto, Severiano Correia é de opinião que só um bom avançado estrangeiro poderá contribuir para eliciar a mocidade existente na linha. A gente nova pode ser boa, — mas é preciso alguém que encaminhe a sua habilidade dentro do campo.

Severiano Correia vem ainda de encontro a uma opinião nossa: que o atleta, quando novo e de qualidades, deve ser observado cuidadosamente. «E' preciso dizer-lhe que é bom — mas afirmar-lhe logo que é perigoso criar vaidades e vícios». Assim mesmo. No entanto, caro Severiano Correia, procede-se muitas vezes de maneira diferente! Ainda há dias lemos que o avançado-centro Monteiro da Costa sobrava energia perigosa, eliminando-lhe a melhor fibra, dando a perceber que o rapaz era «mau» quando o temos visto lutar contra adversários fortes, rudes e mais «sabedores» do que ele, portanto capazes de fazer o mal e a caracuncha...». Armindo, do Atlético, por exemplo...

Há maneiras de dirigir os novos, de facto. Pela nossa parte, e quando eles o merecem, fazemos o possível por lhes dar luz e carreira esperançosa.

Escrevemos, como sempre, a 3 ou 4 dias de saída da nossa Revista. Dizem-nos nesta altura que foi reduzido em 6 meses o castigo de Eduardo Vital. Logo — o jogador pode alinhar ou já alinhou, mesmo, pelo seu actual clube.

O primeiro artigo a defender a «libertação» de Vital saiu da

na capital do NORTE

Sob a direcção de RODRIGUES TELES

Uma festa impressionante

ESTAS reuniões agradam sempre aos amigos sinceros de uma causa, mesmo que seja desportiva. Por isso não surpreende que o banquete promovido por José Donas, em leuvar do F. C. do Porto, tivesse reunido algo do melhor que vive a vida do popular agramento.

O sr. governador civil e ilustre deputado do Neção, dr. A. Santos Cunha, também associado do F. C. do Porto, deu à festa um canho oficial, acompanhado pelo governador substituto, dr. Manuel Seabra. Depois, sentados na mesa de honra, as ligas do dr. Marques de Carvalho, de elevada categoria, como professor e deputado; o padre e professor Marcelino da Cancelação; Pinto Machado, orador e influente dos tempos aereos do F. C. do Porto, hoje exercendo altas funções; o dr. Aredjo Barros, proleta vencedor que ergue sempre a sua voz em defesa das causas justas; dr. Sousa Machado, representante da edilidade; os drs. Aureliano Braga, Pedro de Castro e Paulo Gonçalves; Mário de Carvalho, delegado da direcção geral dos Desportos e pessoa que conhece bem quanto vale a história do mais importante organismo da sua terra...

Em volta — fila por fila, elemento por elemento, um mundo de sólidas amizades. E de esperanças nam futuro que alivie o F. C. do Porto de pesadas responsabilidades, de preocupações, muito graves e muito strevidas.

Poderia ter lido muita gente de fora. Muita gente boa. Com certeza que lida. Mas o alicanee que José Donas pretendia atingir, por certo conto, por certo se estabeleceu na alma de quem pôde assistir. As provas de sincera amizade caíram naquella reunião como chumbo derretido no dorso dos que não sabem acreditar na força do clube. Que reasam associar-se nos momentos difíceis. Que fogem à agitação de ideias, pondo-as ou resolvendo-as, para bem da colectividade.

Muito se poderia aprender no decurso desta festa admirável. Desde o gesto nobilíssimo de João Nanes, o primeiro extremo-esquerdo campeão de Portugal de futebol, que ofereceu a sua medalha de ouro para ser leiloadá a favor das obras do Estádio des Antas. Desde a atitude do sr. governador civil, que abriu uma subscrição com uma quantia valiosa. Desde a lembrança do padre Marcelino, que deu o grito, distribuindo ele mesmo as listas para se azealharem laudos. Desde tudo o que anotamos se afirmou que havia Fé no futuro do F. C. do Porto. Contra todos os proceos, contra todos os interesses pessoais que se julgam feridos.

Rehamos por isso que a festa promovida por José Donas deve repetir-se. Os clubes grandes, mesmo os pequenos, todos, afinal, não os dispensam. Eles servem para despertar os animos, atirando para longe as horas más. Cabem dentro delas todas as classes, todos os que pensam de maneiras diferentes.

— Para o ano, terel de insistir. Até convencer — afirmou-nos José Donas.

Pois claro que sim! O seu clube precisa de ter confiança nos homens que o rodeiam, e não será com divisões deslocadas e inoportunas que tal pode conseguir-se.

Sabe-se, não é segredo, que no actual momento nem tudo corre de leição, mas a culpa não será naturalmente dos que acorreram à chamada e afirmaram alto e bom som a sua confiança nos destinos da agremiação, seja qual for a catástrofe que lhe bata à porta.

Sinceramente, portanto, aplaudimos a iniciativa. Não devemos favores a quem a organizou, além dos favores da amizade. Nem queremos dever, para que a nossa pena possa afirmar o que sente, sem pelos e sem daps sentidos.

Esta é a nossa vaidade!

nossa pena, nas colunas da *Stadium*. Assim, e a ser verdade o que agora nos transmitem de fonte mais ou menos autorizada, sentimo-nos contentes com a informação.

Não a pesada derrota do F. C. do Porto, mas as condições em que foi consentida, foi comentadíssima nesta cidade. Mas haverá motivo para tanto?

A gente nova do F. C. do Porto

tem de pagar o seu pesado tributo. Chegará também o seu dia, mas até lá devem ter paciência os admiradores da equipa. Roma e Pavia...

Conta-se ainda com uma equipa que dá brado, no F. C. do Porto. Agora, todas as esperanças se juntam para a segunda Volta. Afinal, o defeito do F. C. do Porto é principiar sempre tarde e a más horas...

Agradecimento de um atleta

Não diremos o nome do jogador, mas falaremos da sua carta de «boas festas». O rapaz não tinha que agradecer as referências amigas que lhe dedicamos, só por serem justas e mais nada. Outros têm sido mais ingratos, e indelicados, quando têm recebido os maiores favores do crítico, talvez contribuindo até decisivamente para internacionalizações, coisa que vale muito dinheiro e muito prestígio. Mas este jogador X, dos que aceitam o comentário desfavorável mas honesto, visando a exhibição do atleta e nunca o individuo, mas que também se sente satisfeito quando lhe prestamos justiça, manda-nos uma carta que não esperávamos. Por inesperada.

Desculpe-se-nos o não lhe apontarmos o nome. Somos rigorosamente imparciais na apreciação aos nossos valores, e não vá julgar-se que este atleta terá aqui, nesta ou noutras tribunas, oede pontificamos, e de futuro, referências que possam considerar-se favoráveis.

No entanto, esta carta simples, vinda de um atleta simples, compensa-nos de certo modo. Lemo-la com alegria, e se não subimos à Torre para tocar os sinos, é porque não nos alliamos à Validade e antes queremos seguir por este caminho.

E já agora, um pouco de doutrina para todos: quando o jornalista é sério e escreve sem intuitos de feir seja quem for, mas conduzido pelo propósito de servir a Causa Desportiva, como o próprio atleta, afinal, devem desprezar-se os gastos que ficam a denegrir uma carreira e colocam as pessoas no grupo dos vulgares e dos insensatos.

Se o crítico é forte de sentimentos e de consciência, procura ser justo e humano, também inteligente, não dando ouvidos o quem for maldoso ou coisa parecida. Mas tem de ser crítico. Não pode esquecer esta sua função, porque para isso lhe paga o jornal e para isso ganhou a confiança do público que sabe apreciar sem paixões. O atleta nem sempre recebe aplausos do jornalista? Isso seria impossível. O atleta é um funcionário da modalidade que pratica na frente do público; recebe mais ou menos; e não deve ter a pretensão de fazer «tudo bem» aos olhos de quem está encarregado de informar o mais correctamente possível. Pode exigir, isso sim, palavras que o não magoem quando isento do pecado. Do contrário, quem não quer ser lobo não lhe veste a pele.

E concluímos: — o jogador X não enos deve favores. Nenhum jogador. Nós também os não devemos aos rapazes de bola. Nem entre eles muitos amigos bons, admiráveis, mas esquecemo-los quando estão no campo e nós na tribuna da Imprensa. Aquil procuramos ser justos e nada mais. Mas cá fica a lembrança que teve ao saudar-nos.

A MODERNA

OFICINA DE ENCADENAÇÃO

Rua Eduardo Coelho, 22-G

Telef. 30078

LISBOA

A homenagem a Aníbal Rendas

resultou interessante

tendo Benfica e Vitória empatado por 1-1

ATLETA valoroso, com larga folha de serviços prestados ao seu clube de sempre — o simpático vitória de Setúbal — desportista leal e correcto, jogador brioso e de apreciável nível técnico, Aníbal Rendas que no dia de Natal se despediu para sempre do futebol de competição, pôde ver quanto era admirado por companheiros e adversários, quão apreciadas eram as suas belas qualidades e, acima de tudo, a sua fidelidade de desassês anos à camisola da mais importante colectividade da cidade do Sado.

Com uma tarde magnífica de sol e bela temperatura, o campo dos Arcos registou regular assistência, não talvez aquela que seria

de esperar, mas mesmo assim, bem emoldurado. O festival — presidido pelo governador civil e presidente da Câmara locais — decorreu em ambiente de viva simpatia e abriu com uma partida entre duas equipas de juniores do Vitória que produziram exibição agradável. A turma A venceu a B, por 4 0, depois de ter atingido o intervalo a ganhar por 3 0.

Na partida principal, Benfica e Vitória empataram a um tento.

O desafio decorreu em jeito de partida amigável, uma vez que na realidade, no domingo último, o ganhar ou perder não tinha interesse de maior. Acima de tudo, jogadores e público, pairava a ideia da homenagem.

A melhor fase do encontro foi, sem dúvida, os vinte minutos iniciais, ou seja, até à saída de Aníbal Rendas. Os «donos da casa» abriram a contagem aos quatro minutos, por intermédio de Nunes. Os «encarnados» estabeleceram o empate aos nove, com um bonito golo da autoria de Júlio. E o resultado ficou feito.

Aníbal Rendas saiu como dissemos aos vinte minutos da primeira parte, tendo o seu elegio sido f-110 ao microfone pelo dr. Manuel Antunes, antigo dirigente da colectividade sadina.

Aníbal Rendas recebeu entre numerosas lembranças, entre as quais medalhas dos seus companheiros de clube, uma salva da direcção do Vitória e uma lembrança da Câmara Municipal de Setúbal. Por fim o homenageado agradeceu as gentilezas de que tinha sido alvo e, depois de entregar uma placa à direcção do Benfica e de abraçar companheiros e adversários, deu uma volta ao campo colhendo multíssimos aplausos. Terminara assim a carreira dum excelente jogador que foi nome grande no futebol português e figura do maior relevo do desporto na rainha do Sado.



O Grupo Educativo e Desportivo do Pessoal da Casa da Moeda, no decorrer da festa do Natal que organizou dedicada aos filhos dos empregados daquele estabelecimento fabril do Estado, procedeu à distribuição dos prémios aos vencedores dos seus torneios entre as várias secções e oficinas, que disputaram jogos de Tennis de Mesa, Tiro, Xadrez e Damas. Publicamos o grupo desses vencedores após terem recebido os seus prémios.

ATLETISMO

(Continuação da pág. 9)

Claudio Martins (Benfica), foi o melhor júnior em 16 m. 20.8 s. seguido por outro benfiquista, Augusto Silva e Casimiro Lúlio (Sporting).

Finalmente, em seniores, a luta para o primeiro lugar travou-se entre o sportingista Filipe Luís e o benfiquista Joaquim Lourenço, que ao descer a Avenida da Liberdade se distanciou, ganhando em 21 m. 28.5 s., seguiram-se três homens do Benfica, o veterano Nogueira e só depois Afonso Marques, o vencedor do ano passado, que desta vez se apresentou em muito má forma, em condição que se não compatibiliza com o brilo natural num corredor da sua classe e com o seu passado. Talvez a ligação lhe aproveite.

A organização foi francamente boa; o público, indisciplinado por natureza, perturbou o final da última prova, perturbando o serviço de ordem depois da chegada dos primeiros. Mas a maioria podem ser imputadas responsabilidades por tal.

S. C.

DA VIDA QUE PASSA

Vitor Hugo Tavares

Faleceu há dias, inesperadamente, como consequência de uma operação que parecia simples, um jogador de futebol que foi dos mais populares nas épocas em que alinhou pela primeira categoria do Sport Lisboa e Benfica. Vitor Hugo Tavares, jogou quase sempre a médio-esquerdo, tendo como avançado-centro, anos sucessivos, um seu irmão, Jorge Tavares. Vitor Hugo, que jogou apenas pelo Benfica, sem ter sido um jogador dos mais brilhantes, não passando de sapiente à equipa nacional, participou entretanto de várias seleções — duas vezes no Lisboa-Madrid Militar e seis vezes com o grupo representativo de Lisboa, em desfalhas inter-regionais.

Foi sempre um elemento particularmente útil, sobretudo no Benfica, onde começou a alinhar na quarta categoria, para subir depois rapidamente ao «conce» de honra, em cerca de dez annos. Representou também o Benfica em provas de atletismo, fazendo parte de uma equipa que deu bastantes triunfos ao clube em provas de velocidade. E era agora elemento preponderante no Sport Lisboa e Saadade. Como componente deste grupo, quando os jogadores do passado quizeram formar jogadores para o futuro, foi Vitor Hugo dos mais devotados à lança meritoria de preparar gente nova para o clube.

A sua vida desportiva limi-

tou-se, por isso, num exemplo magnifico de dedicação a um só clube. Mas não teve praticamente limites, no entusiasmo com que se entregou sempre à defesa do Benfica sem restrição no seu esforço voluntarioso.

Vitor Hugo Tavares pertencera ao grupo dos jogadores que se destacam, especialmente pela vivacidade na luta. Forte, veloz a correr e rápido a entrar em acção, nunca fugia ao embate, fosse contra quem fosse, alegrando todos os jogos com uma vivacidade que não iraqaejou nunca. Riço, saadido, áspero — mas leal. Ficaram célebres alguns dos seus encontros com adversários de iguais características. Contribuiu, deste modo, para muitos triunfos — a favor de Lisboa e do Benfica. E foi dos mais gretos ao seu espirito e ao seu clabismo, a cota parte que tomou, com entusiasmo, na vitória do seu clube no Campeonato Nacional de 1929-30.

Conquistou largas amizades e simpatias em todo o público e em todos os clubes não estando ainda esquecido. A sua morte provocou surpresa e dor. E o seu funeral constituiu grande manifestação de pesar, nele se incorporando representantes de várias colectividades e elevado número de sócios do Benfica, velhos companheiros de luta e adversários que sempre prestaram justiça ás suas qualidades de desportista.

MELHOR NÃO HÁ EM LISBOA!
O "DANCING" DE QUE TODA A GENTE FALA!
PELO SEU CONFORTO E PERMANENTE ANIMAÇÃO

MAXIME

P. da Alegria, 58



Grandes atracções
Duas orquestras
Um ambiente onde tudo
é novidade!
Música constante!



Preços iguais aos dos
outros «Dancings»

Aos domingos, ás 17,30: CHÁ DANSANTE



Realizou-se há poucos dias um animado banquete de confraternização entre associados do F. C. do Porto que constituiu expressiva manifestação de fé nos destinos da popular colectividade norte-nha. Na presidência, o sr. dr. Antão Santos da Cunha, e, entre outras individualidades de relevo, os srs. José Donas, dr. Miguel Barros, Pinto Machado, que, aos brindes, enalteciam a obra dos campeões do Norte

NO MUNDO DA NATAÇÃO

O estilo Furuhashi

revolucionou a técnica

levando à substituição do «crawl japonês a seis tempos» — por um gigantesco trabalho de braços

MAIS uma revolução se operou na técnica natatória. Assim, à semelhança do que aconteceu em 1932, voltam os japoneses a dilatar as bases que devem regular a luta contra a resistência do elemento líquido, pelo homem, usando os seus próprios recursos. O advento de Furuhashi, e as exhibições feitas pelo «sexto» japonês em Los Angeles, prenderam as atenções de todos os centros aquáticos do mundo, e os técnicos americanos abandonaram a forma como trabalharam durante a ausência dos nipônicos às competições internacionais, a fim de procurarem recuperar o precioso tempo perdido.

Mostraram os orientais que, na natação de meio-fundo e fundo, o trabalho dos membros superiores assume uma importância muito maior do que se pensava. No período da guerra, ou mesmo logo no pós-guerra, enquanto os americanos dilavam ao mundo a excelência dos seus «estilos» e a boa forma dos seus «super-homens», os japoneses entregavam-se a estudos mais pormenorizados e chegaram à conclusão de que existia uma forma melhor e mais rendosa de nadar meio-fundo e fundo, muito mais eficiente que o seu «crawl a seis tempos», e esta forma foi obtida pela execução de um trabalho gigantesco dos braços, com menos preocupação de agir com os membros inferiores. Não foram, é certo, os primeiros a saber que as pernas se fatigam demasiadamente na

ação do «crawl». Antes deles, muitos já o tinham afirmado, e talvez mesmo destas afirmações se tenham os orientais aproveitado para as tão grandes conquistas actuais da sua natação. Possuem, entretanto, o alto mérito de terem abandonado uma forma tão perfeita de nadar — como parecia ser o tão celebrado «crawl japonês a seis tempos» — para lançar por terra a maioria das conclusões a que tinham chegado em 1932 (conclusões acaladas e seguidas pelo mundo inteiro) para se lançarem num terreno um pouco diferente, como é a conclusão sobre o estilo Furuhashi.

Talvez os japoneses tivessem observado os americanos em acção durante este estudo. E' de crer que dirigissem a sua atenção sobre os «estilos» assimétricos dos húngaros. E' possível que tivessem demorado os seus estudos na natação feminina europeia, onde a escola de Mr. Braun se espalhou por todo o centro e norte europeu, fazendo surgir um núcleo regular de jovens sereias, estabelecendo recordes e «performances» admiráveis. E de toda esta observação, tendo a natação como arte guerreira, que fazem crer conhecida desde a época lendária dos Samurais, não foi difícil chegar a conclusões interessantes.

Desta maneira, não gostaram dos húngaros — onde, apenas, o trabalho sobre a construção da boa resistência física os impressionou — não se inclinaram a fazer altas modificações sobre

PROBLEMAS DO FUTEBOL

O JOGO INGLÊS

acusa um momento de atrozidade?

Talvez o futebol britânico se tenha deixado atrozar — num pormenor.

Esta é, pelo menos, a nossa suspeita, dado não estarmos de posse de elementos que nos habilitem a dizer concretamente se é assim ou não.

Esse pormenor é — o da velocidade. Sem dúvida, as equipas Inglesas que ultimamente se têm deslocado para fora das Ilhas se mostram parturadas, se não surpreendidas, com o andamento imposto pelos conjuntos que defrontam. Foi o caso do Arsenal em Paris no dia das comemorações do Armistício. Tinha sido o caso do Fulham e do Burnley em Madrid, em Bilbao e na Corunha. A própria rapidez do futebol belga, que vive paredes meias com o francês, te-lo-ia já levado a reflectir um pouco sobre a questão...

Não supomos em crise o «association» da Grã-Bretanha, como querem agora alguns dos seus críticos, decepcionados com o resultado e, sobretudo, com as hesitações e os momentos de aturdimento da sua selecção no recente desafio com a Itália.

A nós, que não estamos em causa e podemos por isso analisar o problema sem sentir o peso das depressões, as causas ou os males não parecem verdadeiramente os de uma crise. Parecem, antes, os de um lapso ou de um esquecimento...

Um futebol excepcionalmente rico como é o Inglês, não sofre quebras ou baixas tão bruscas, nem tão alarmantes...

Quando muito, acusará os efeitos de um isolamento que não permitiu tomar o pulso aos outros para um cotejo que a ele mesmo se tornava indispensável de modo a poder avaliar do seu e do grau de desenvolvimento do futebol alheio.

Os modernos processos do jogo, aliás criados pelos Ingleses, vieram resgar novos caminhos e horizontes às equipas em que latejava uma manifestação e incontida tendência para a velocidade pura.

Nas épocas que se seguiram ao advento desses métodos, a superioridade do futebol anglo-saxão, em contacto com o continental, não foi posta em dúvida nem suscitou discussões, tão clara e flagrante se apresentava.

Porém, logo que os outros copiaram os seus processos, isto é, se entregaram ao estudo dos inúmeros aspectos técnicos e tácticos e a uma preparação intensiva, que constituiu a base e os elcercos da riqueza do futebol britânico, a evolução neles operada teve, necessariamente, de conduzir a um nível de aperfeiçoamento que, postos de novo em confronto com o Inglês, os levaria a uma posição de maior ou menor equilíbrio, mas equilíbrio em qualquer dos casos, como neste momento se observa.

Os Ingleses já deram pelo erro. Não acertaram a velocidade do seu pela nova velocidade do futebol latino e essa circunstância não deixará de lhes causar apreensões durante algum tempo, como já lhes causou alguns desaires...

Evidentemente, eles terão de apressar e apressarão, com certeza, o ritmo do seu jogo e a essa «pressa» chegarão, não tardará muito, pois dispõem de enormes reservas.

Da resto, foi o futebol Inglês o primeiro a reavaliar-se do aspecto e sentido atlético que hoje o enferma ou está em vias de o enfermar, por toda a parte.

Mes se se der o caso de reconhecer que não poderá superar o equilíbrio de futebol latino, não nos fiquem dúvidas que saberá encontrar o remédio na sua inagotável ciência e propensão para a descoberta das fórmulas que possam contrabalançar a rapidez que se julgue impossibilitado de alcançar.

Que neste pormenor os britânicos se atrozaram ou se equivocaram, partindo do princípio que não poderia ser excedida a velocidade por eles atingida, é uma verdade.

Ainda há pouco no-lo disseram os resultados dos jogos que o A. I. K. fez na própria Inglaterra.

Os lentos suecos não depararam na Pátria do belo futebol com as dificuldades por eles mesmo experimentadas em frente do Sporting ou das equipas espanholas...

ADRIANO PEIXOTO

a posição do corpo e, muito menos, a provocar um assimétrico emprego dos membros superiores.

Pensaram, mesmo, em continuar tal como até aqui, à semelhança dos americanos, procurando a igualdade de forças nos membros superiores, intensificando, é certo, o treino das pernas, dado que os membros inferiores quebram, um pouco, a regularidade do ritmo, mas sem a preocupação de uma perfeita coordenação.

Haranoshin Furuhashi — o fenómeno japonês — um jovem de dezanove anos, estudante de engenharia, é, presentemente, alvo das atenções de todo o mundo.

A sua técnica, com efeito, revolucionou a natação mundial. E, na hora presente, o pensamento de todos os treinadores pode, talvez, sintetizar-se assim: treinar exageradamente os braços, repousar mais as pernas, quase as esquecendo...

A. T.

a vida desportiva POR ESSE MUNDO FORA

NOTA DA SEMANA

Marcel Cerdan, o inditoso campeão de boxe caído em S. Miguel, voltou a aparecer ante o público de Paris, que ocorreu em massa ao cinema Palais de Chaillot para vê-lo actuar na fita «Au diable la célébrité», a última na qual participou.

Segundo lemos nos jornais parisienses a estreia constituiu uma autêntica ressurreição, não faltando a nota intelectual áquela soirée de saudade, pois o discutido escritor Jean Cocteau — amigo de Marcel — escreveu algumas frases lapidárias acerca do galante pugilista desaparecido, nem o epílogo sentimental, que foi a pública reconciliação entre Villemain e Dauthuille, sucessores do campeão póstumamente homenageado.

Por extravagante coincidência, Cerdan desempenha o papel de alguém que morre trágicamente — no celuloide — e só agora, depois da ficção se haver transformado em dura realidade, aparece como um aviso dos poderes ocultos e misteriosos que a inteligência humana repele com indignação, embora não consiga alijar-se deles.

Certas figuras do desporto merecem mais pela nobreza da sua conduta que pela notoriedade dos seus êxitos e resultados. Assim, o jogador de rugby, da Universidade de Oxford, Mac Pherson, que capitaneou o seu grupo contra a Universidade de Toulon, exprimiu desta maneira os seus sentimentos de autêntico desportista: «Prefiro perder um desafio bem disputado a ganhar um mau encontro».

Os franceses triunfaram em toda a linha, manifestando-se superiores à formação inglesa, mas o despitue foi uma bela prova técnica de parte a parte. Então Mac Pherson elogiou os vencedores, sem regatear a menor parcela de louvor e concluiu festejando a vitória francesa como se sua ela fosse.

Outro desportista, cujas actividades nos ringues franceses sobressaem além do que é habitual, tem sido o campeão de Espanha de «médiós», António Soldevila. A tal ponto a sua conduta, dentro e fora do ringue, constituiu um exemplo digno de admiração que a Federação Francesa de Boxe decidiu participar o facto à sua congénere espanhola felicitando-a por possuir entre os seus filiados um desportista de tal quilate.

Infelizmente, raramente essas imagens que se impõem à consideração de todos — menos daqueles que detestam os justos e os nobres — e por tal motivo julgamos um dever apontar-lhes os nomes, quando surja tal oportunidade.

Desembarcaram em Espanha, tal como as cheias horribes do Mississippi ou do Yang-Tze-Kiang, duas ou tres equipas de clubes argentinos de futebol, nomeadamente o Racing, o San Lorenzo e o Newells Old Boy.

Vieram, evidentemente, exhibir no país vizinho a gama das suas capacidades e, como é de justiça, provar uma superioridade que já de há muito se nos afigura indiscutível. Sucede, no entanto, que os nossos amigos espanhóis, temendo resultados catastróficos como os de 1947, pretendem, a todo o custo, reforçar os grupos de clubes, sob o pretexto de haver um forte contingente de jogadores lesionados nesta ocasião. Por consequência, os argentinos estão sujeitos a ter de competir, exclusivamente, com selecções mascaradas ou formações reforçadas, o que sempre é mais seguro — para os espanhóis — e mais complicado para os visitantes.

Admirador das belas virtudes da raça castelhana sofremos um tanto com as farronças leoninas de prévia concepção, que, depois deixam de corresponder aos gestos e aos factos.

Para quê, invocar lesões e outros motivos se no fundo se pretende salvar a todo o custo os resultados?

RAFAEL BARRADAS

Automobilismo

Em Buenos Aires, dominando os seus rivais de ponta a ponta, o volante italiano Ascari, venceu com brilhantismo o Grã Prémio do General Péron, (170 Km) disputado no circuito de Palermo,

na presença de 300.000 espectadores.

O célebre Juan M. Fangio, que ficou em segundo lugar e passa por ser o melhor piloto automobilístico da América do Sul, atacou sempre com extraordinário vigor, batendo todos os europeus, alguns de grande classe, como Rosier, Etancelin, Chiron, etc..



Um dos pugilistas estrangeiros mais em evidência nos Estados Unidos chama-se Kid Português, sobrenome que adoptou pela circunstância de ser filho de portugueses, embora nascido numa republica sul-americana. Aqui o vemos no acto de levar um golpe formidável no queixo, aplicado pelo negro Beau Jack, durante um combate tremendo que os dois disputaram em Nova York, cujo triunfo coube ao jogador branco

Boxe

Joe Louis, antigo campeão do Mundo de todas as categorias, prossegue derrubando os mais categorizados adversários actualmente na brecha, embora rotulando os combates de meras exhibições.

Depois de ganhar ao campeão da California, Pat Valentino, por knockout, o temível negro fez outro tanto a um irmão de cor, Al. Hoorman, em Oakland, que só aguentou cinco assaltos antes de cair na lona. O adversário seguinte devia ser Lee Oma, jogador novamente na brecha, mas excusou-se, alegando que por umas escassas centenas de dólares não lhe valia a pena arriscar a pele. Em virtude desse facto foi substituído por Johnny Flynn e Roscoe Toblem, cuja réplica ao ex-campeão fez bocejar a assistência.

Louis, convidado a regressar à actividade, declarou perentoriamente que nunca o fará, contentando-se com as rendosas exhibições mensais tanto de seu agrado.

Willie Pep, detentor do título mundial de «semi-leves», obteve um fácil triunfo ao vencer por pontos o preto Harold Dade, seu antecessor. O desafio celebrou-se em Saint Louis.

A Comissão do Estado de Massachusetts, um dos mais categorizados sob o ponto de vista de pugilismo, decidiu suspender o campeão do Mundo de «leves», Ike Williams, por haver faltado às suas obrigações contractuais.

O argentino Afonso Prado, actualmente em Nova Iorque, empatou com o americano George Dunn, ao fim de dez assaltos.

Kid Dinamita, fogoso jogador preto derrotou em Washington o mexicano José Cardenas, ao 10.º round. Em Nova Iorque, Tony Janiro, semi-médio, dominou o italiano Mario Moreno, em 8 assaltos.

Na Europa, o italiano Roberto Proietti, que ainda há pouco per-

dera o título de campeão continental de «leves», recuperou o seu bem vencendo o belga Kid Dussart, em Bruxelas, por pontos. O italiano substituiu a antiga mobilidade por maior eficácia e poder de golpe.

Em Barcelona, no Circo Price, ante seis mil espectadores, Luis Romero, campeão da Europa de «levisimos» ganhou por pontos ao inglês Bob Holland e o nosso conhecido Peiró empatou com o italiano Berto.

Futebol

Depois de dezanove vitórias consecutivas, o que constitui recorde, o Liverpool sofreu duas derrotas sucessivas e apenas dois pontos escassos o separaram dos Wolves.

Atrás deste regular clube, e com iguais probabilidades, seguem o Manchester United, o Blackpool, o Arsenal, o Burnley, que, por sua vez, têm o Portsmouth e o Burnley a curta diferença.

Birmingham City, definitivamente relegado à posição de último, não se livra de baixar à II Divisão.

No Campeonato da França, a posição dos clubes principais é a seguinte:

1, Lille, 24 pts; 2, Tolouse, 22; 3, Bordéus, 19; 4, Reims e Roubaix, 18; 6, Nice, 16; 7, Racing e Sochaux, 15.

REVISTA

Stadium

Vende-se no RIO DE JANEIRO

na CASA VANNI

161, Avenida Rio Branco, 161



Esta imagem dá a sensação de que se trata de um gol do Sporting, mas, afinal, puro "ergeno". A bola, maquiaticamente, bateu no poste!



Joaquim Teixeira, em quem não se apagaram ainda todas as energias de jogador, colabora com o guarda-redes...



A' esquerda, uma jogada de defesa do Elvas, despachando Sousa; à direita, os elvenses defendem-se com energia e os sportinguistas atacam num dos muitos cantos da 2.ª parte

ELVAS perdeu mas o Sporting sofreu!

O Sporting conseguia antecipar o seu encontro com o Elvas, por causa da sua deslocação à Madeiro. De uma espedida matou dois coelhos: teve uma assistência regular, conseguindo respirar a sua palavra de deslocação.

O resultado já é conhecido. No final da partida, o Sporting conseguia o triunfo pela mínima diferença (dois-a-um), mas esteve na posição de vencido até o trecho derradeiro dos dez minutos.

Este simples apontamento dá ideia de como a partida decorreu, cheia de febre sportinguista. Os elvenses prepararam-se para sofrer o menor número de bolas, e jogaram nitidamente no plano defensivo.

Encontrando no adversário um plano tranquilo, e vendo-se a esberto com um gol, não lancei tortuito, eles, os rapazes de Elvas, que nunca tiveram a ideia de ganhar, pensaram a sério no problema. Assim, além do sistema de colocação previamente estabelecido e fortemente defensivo, os de Elvas situaram-se no seu terreno de defesa, tornando a vida difícil e emotiva ao seu categorizado adversário.

Os leões atacaram do princípio ao fim, algumas vezes com certa confiança, outras brilhantemente, com golpes magistrais de precisão e entendimento. Mas os seus inimigos, aglomerados em curta zona das bilizas, dilaceraram a sua acção. Por outro lado, os sportinguistas utilizaram a tática que mais convinha ao adversário, não abrindo o jogo, e concentrando-se em frente das redes, criando um verdadeiro lanil, como cavilmos dizer a um antigo e consagrado jogador.

Osvaldo marcou o ponto do Elvas, na primeira parte, e passou quase todo o encontro na situação vitoriosa, com os sportinguistas a sofrer, mas jogando com grandessa, forçando o jogo, impedindo, batendo-se com todos os braços.

Faltavam dez minutos quando os leões que até aí sómente tiveram azar — passaram a ter sorte. Em pouco tempo, de vencidos passaram a vencedores com invulgar brilho. A cabeça do gol de empate de Vasques foi um maravilhoso quadro de Melho. Mas este extraordinário e singular Vasques não se ficou por aqui, originando, minutos depois, perto do fim o gol da vitória, gol como raramente se vê: o posse atrozado de Vasques originou um remate de Travessos, batendo a bola neste e naquele para entrar vitoriosa nas redes. O desafio teve aspectos grandiosos de lata, havendo motivos para exaltar vencedores e vencidos. — T. S.